

ENCONTROS, AFETOS E CUIDADO

Relatos das equipes do SUAS
no Vale do Taquari/RS



ENCONTROS, AFETOS E CUIDADO

**relatos das equipes do SUAS
no Vale do Taquari/RS**

ENCONTROS, AFETOS E CUIDADO

**relatos das equipes do SUAS
no Vale do Taquari/RS**

Organizadoras:

Gisele Dhein

Bruna Zanini Fiorin

Carine Bagestan

Elisângela Beatris Becker

Erica Franceschini

Milena Schmidt de Oliveira

Viviana da Silva Ben

Claudia Kempfer Arnhold

Kaiane Agostini Staffen

Nicole Marques Pontes

SECRETARIA DE
DESENVOLVIMENTO
SOCIAL



Lajeado/RS, 2025

1^a edição

© Dos autores - 2025

Todos os direitos reservados aos autores.
A reprodução não autorizada desta publicação,
no todo ou em partes, constitui violação
de direitos autorais. (Lei 9.610/98).

Produção Gráfica:
Evangraf

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

E56 Encontros, afetos e cuidado : relatos das equipes do SUAS no Vale do Taquari/RS / organizadoras: Gisele Dhein ... [et al.]. – 1. ed. – Lajeado : Univates, 2025.
152 p. : il.

ISBN 978-65-5699-454-3

1. Sistema Único de Assistência Social (Brasil). 2. Assistência social - Vale do Taquari (RS) - Inundações. 3. Assistência psicológica - Vale do Taquari (RS) - Inundações. 4. Depoimentos. I. Dhein, Gisele.

CDU 364(816.5)

(Bibliotecária responsável: Sabrina Leal Araujo – CRB 6/4287)

EDITORIA
Evangraf
LTDA.

📍 Rua Waldomiro Schapke, 77 - Porto Alegre - RS

📞 (51) 3336.2466 ☎ (51) 98302-2345

✉️ evangraf@terra.com.br Ⓛ editoraevangraf ☰ editoraevangraf

Impresso no Brasil – Printed in Brazil

Sumário

Apresentação.....	7
Prefácio.....	9
ARROIO DO MEIO: Da perda a superação: relato das enchentes de 2023 e 2024.....	11
Leopoldina De Assunção De Oliveira	
BOM RETIRO DO SUL: Quando as águas levaram, o afeto permaneceu: relato da enchente de 2024 em Bom Retiro do Sul/RS.....	21
Ana Paula de Souza Schwertner, Bruna de Moura Cardoso	
CANUDOS DO VALE: Novos caminhos.....	27
Bételen da Rosa Oliveira Reginatto, Patrick Reni Pazzato Lazzarotto	
COLINAS: Relato de experiência: centros de distribuição de donativos.....	31
João Pedro Greff Burk Filho, Gisele Sofia Nietiedt	
COQUEIRO BAIXO: Entre perdas e resistências: o impacto das águas e a força da comunidade.....	35
Angélica Gobel Zambiasi, Glaér Cristina Giongo, Beatriz Souza Iochims	
CRUZEIRO DO SUL: Dor, reencontro e esperança: marcas da enchente de 2024.....	45
Mariângela Leopoldina	
DOUTOR RICARDO: Doutor Ricardo – a terra do Filó	49
Daiane Pereira, Victória Vaz Rodrigues	
ENCANTADO: Vivências e aprendizados em meio ao caos das águas.....	61
Márcia Maria de Almeida, Bianca Luzzi Fiorentin	
ESTRELA: Entre o caos e o cuidado: relato de experiência de profissionais do suas	71
Janaína Moreira Notargiacomo, Bruna Luiza Schroeder Horn	

IMIGRANTE: Diante dos desastres: a importância de um plano de contingência estruturado.....	79
Deise Maria Heberts, Alice Lopes Moraes	
LAJEADO	87
Bárbara Weber, Ane Lis Schardong	
MARQUES DE SOUZA: Entre águas e resistências.....	91
Luise Bonato, Betina Kasper	
MUÇUM: Relato situação de emergência e desastre equipe SUAS	97
Rafaela Dalmolin Picoli, Letícia Zanatta Bonni	
PUTINGA: Em lágrimas: a dor e a coragem de 2024	103
Delides de Souza, Lisangela Blanger	
RELVADO: a enchente que mudou a vida de relvado.....	109
Mara Geovana Blasi, Juliana Pereira de Lima	
ROCA SALES: Relato das experiências, sensações, vivências, emoções	115
Graziela Sinara Gheno Lorenzi, Lara Oliveira	
TAQUARI: Força, coragem e solidariedade: a atuação da Assistência Social na maior enchente de Taquari.....	127
Juliana Cruz Machado, Viviani Santos da Silveira	
TRAVESSEIRO: Vivências e lições de um desastre que marcou nossas vidas.....	131
Evandro Alfredo Zanatta, Ivan Cornelius Dahm	
VESPASIANO CORRÊA: Cuidar, acolher e reconstruir	139
Ana Paula Gavineski, Graziela Sinara Gheno Lorenzi, Renata Dalpasquale Weber, Cíntia Araldi	

Apresentação

Nesta obra, você encontra relatos, memórias, depoimentos e alguns registros da vivência de equipes de Assistência Social de municípios do Vale do Taquari/RS (VT/RS). O livro nasce com o propósito de registrar as memórias de um momento marcante, triste, difícil, mas que também possibilitou encontros, afetos e cuidado!

O projeto “Encontros, afetos e cuidado: relatos de experiências de profissionais do SUAS nas tragédias climáticas do Rio Grande do Sul” nasce com objetivo de qualificar/formar as equipes dos municípios que decretaram calamidade pública no VT/RS, no ano de 2024, para o preparo e resposta à emergências e desastres. Os municípios envolvidos foram: Arroio do Meio, Bom Retiro do Sul, Canudos do Vale, Colinas, Coqueiro Baixo, Cruzeiro do Sul, Doutor Ricardo, Encantado, Estrela, Imigrante, Lajeado, Marques de Souza, Muçum, Putinga, Relvado, Roca Sales, Taquari, Travesseiro e Vespasiano Corrêa.

Um(a) psicólogo(a) e um(a) assistente social, vinculado(a) à Secretaria de Assistência Social de cada um destes municípios, participaram da formação e compartilham, nesta obra, um pouco da vivência durante o desastre. Dos 19 municípios que decretaram calamidade, 11 possuem menos de 10 mil habitantes; 6 possuem entre 10 e 30 mil; e apenas 2 têm mais de 30 mil - sendo um deles, Lajeado, com 90 mil. Ou seja, apenas dois municípios possuem em sua rede de assistência social a alta complexidade operando. Nos demais municípios (17), o cotidiano da assistência social restringe-se a ações, muitas vezes, de proteção básica e garantia de direitos, tendo pouca experiência na alta complexidade. Desse modo, quando

o VT/RS vivencia episódios recorrentes de deslizamentos e inundações que colapsam as estruturas locais de resposta, há urgência em qualificar as equipes para uma prática que, até então, não fazia parte de seu cotidiano.

Boa leitura!

*Gisele Dhein
Bruna Zanini Fiorin
Carine Bagestan
Elisângela Beatris Becker
Erica Franceschini
Milena Schmidt de Oliveira
Viviana da Silva Ben
Claudia Kempfer Arnhold
Kaiane Agostini Staffen
Nicole Marques Pontes*

Prefácio

Encontros, reconstrução e futuro

Nos últimos anos, o Rio Grande do Sul viveu um período de grandes desafios. As emergências climáticas que atingiram o Estado, especialmente o Vale do Taquari, deixaram marcas profundas nas comunidades, nas famílias e nos profissionais que estiveram na linha de frente do atendimento à população. Em meio à dor e à necessidade de reconstrução, nasceu também uma rede de aprendizado, solidariedade e a certeza de que cuidar das pessoas é sempre o primeiro passo para recomeçar.

O projeto “Encontros, afetos e cuidado: relatos de experiências de profissionais do SUAS nas tragédias climáticas do Rio Grande do Sul”, resultado da parceria entre a Secretaria de Desenvolvimento Social do Rio Grande do Sul (Sedes) e a Fundação do Vale do Taquari de Educação e Desenvolvimento Social (Fuvates), mantenedora da Universidade do Vale do Taquari (Univates), nasce dessa compreensão. Para além da capacitação técnica, essa iniciativa representa um gesto de reconhecimento e de valorização a quem, em cada município, faz do trabalho social um ato de presença, escuta e reconstrução.

Fruto de uma demanda da Consulta Popular, o projeto mobilizou profissionais de 19 municípios do Vale do Taquari, reunindo-os em momentos de formação, troca de experiências e reflexão. Foram meses de encontros, oficinas e assessorias conduzidas pela equipe técnica da Univates, com o objetivo de fortalecer as equipes municipais para atuar em situações de emergência e desastre.

O livro que o leitor tem em mãos é parte essencial desse processo. Aqui estão reunidos relatos de profissionais da

Assistência Social que viveram, em diferentes realidades, os impactos e desafios de atender a população em momentos de crise. Cada depoimento carrega um olhar singular sobre o que é estar à frente de uma rede de proteção em meio ao imprevisível — um olhar que combina conhecimento técnico, empatia e compromisso ético com a vida.

A publicação reflete também um movimento mais amplo da política pública de assistência social no Estado: o de valorizar as pessoas e fortalecer as redes. Em tempos de reconstrução, o papel da SEDES é estar presente, apoiando os municípios, qualificando as equipes e criando espaços para que o aprendizado coletivo se transforme em política permanente.

Os investimentos nos equipamentos, o aumento do cofinanciamento estadual, as formações regionais e projetos como este fazem parte de um mesmo propósito: garantir que o cuidado chegue a quem mais precisa, e que os profissionais que sustentam essa rede se sintam preparados e acolhidos. “Encontros, afetos e cuidado” torna-se uma forma de fazer política pública. É sobre construir vínculos, partilhar experiências e reafirmar que a gestão social se faz com pessoas, para pessoas.

Que esta obra sirva de inspiração e aprendizado para todos que acreditam na força transformadora do trabalho social. Que seja um registro de gratidão aos profissionais que, com coragem e sensibilidade, fizeram da adversidade uma oportunidade de recomeço coletivo.

Porque cuidar é também reconstruir. E reconstruir é o que move o Rio Grande do Sul.

Beto Fantinel

Secretário de Desenvolvimento Social do Rio Grande do Sul

Gustavo Segabinazzi Saldanha

Secretário-Adjunto de Desenvolvimento Social do Rio Grande do Sul

ARROIO DO MEIO

**Da perda a superação: relato das
enchentes de 2023 e 2024**

Leopoldina De Assunção De Oliveira

Assistente Social

Bruna Dos Santos

Psicóloga



Centro de Referência de Assistência Social – CRAS

Foto: Daiane Laís Kalsing

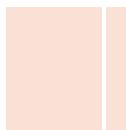
No dia 5 de setembro de 2023 e 01 de maio de 2024 nossas vidas pessoais e profissionais mudaram drasticamente. Esperávamos uma enchente pequena, como outras já vividas no Município, mas fomos surpreendidos por uma tragédia que destruiu parte da cidade. Em setembro de 2023 tivemos 294 casas destruídas e em maio de 2024 tivemos 450 casas destruídas, somando 844 casas, o que acarretou em famílias desabrigadas, memórias levadas pela água e vidas inteiras afetadas.

2023

No mês de setembro de 2023, diante da enchente que atingiu o município, foi instalado o **Gabinete de Crise** no Centro de Referência de Assistência Social (CRAS). A experiência foi desafiadora, pois, embora alguns profissionais já tivessem vivenciado enchentes anteriores, a magnitude da tragédia de 2023 (e posteriormente de 2024) trouxe uma realidade inédita e de grandes proporções para toda a equipe. Especialmente em 2023, foi importante centralizar os profissionais que pensavam as ações, solicitavam auxílios de fora, organizavam os setores, entre outras demandas, pois houve uma troca de comunicação. Nesta enchente entendemos o quanto foi fundamental os atores saberem das decisões, pois isto facilitou o fluxo, evitando ruídos de comunicação e atropelos dos profissionais, voluntários e comunidade em geral.

Por mais que vivenciamos uma enchente, e acreditamos estar mais preparados para a próxima, as últimas nos mostraram que temos a sensação de previsibilidade e planejamento das ações, todavia, nunca saberemos a força da natureza e seus impactos.

Nesta inundação que assolou o município de Arroio do Meio dentre tantos outros ao redor, as pessoas não tinham compreensão dos níveis que a água alcançaria, e por este fato, a maioria das famílias demoraram muito para tirar seus pertences, alguns colocaram seus objetos de maior valor econômico e sentimental no segundo piso, na esperança de retornar ao lar após a catástrofe e encontrar seus pertences em segurança, e no fim, acabaram perdendo tudo.



O CRAS nestas situações sempre será porta de entrada para as primeiras necessidades após a retirada das famílias dos seus lares.

Algumas na enchente de 2023, foram deixadas por barqueiros no CRAS. No local estavam as equipes da linha de frente que naquele momento acolheram as famílias com crianças, idosos, PCD's, que chegaram nas dependências do CRAS somente com a roupa do corpo, encharcadas, após serem resgatadas com a água dentro das casas. Em um primeiro impacto ao presenciar a cena, totalmente sensibilizados com a situação, tivemos que compreender de forma rápida qual era a primeira necessidade ao acolher estas famílias, era ofertar roupa seca? Alimentar as famílias, principalmente o grupo prioritário? Escutar o choro desesperado com relatos de perdas irreparáveis? Nesta situação a escuta foi essencial para ofertar amparo.



Rua Bela Vista – Bairro Bela Vista

Foto: Jaqueline Manica



Bairro Navegantes

Foto: Daiane Laís Kalsing

A sobrecarga de demandas exigiu o apoio de equipes de outros municípios, diante dos sinais de esgotamento mental e físico, e de um novo quadro da situação local, entendeu-se que a equipe não conseguia atender sozinho à complexidade e à quantidade de situações emergenciais, pois era necessário horas infinitas de trabalho, demandas diversas ao mesmo tempo, atendimento de pessoas e abrigos para ofertar as famílias cuidados, orientações, encaminhamentos, e cadastros para recebimento de donativos do estado e Defesa Civil.

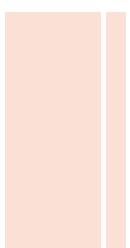
Entre as principais ações realizadas, destacam-se:

- Cadastros de famílias em abrigos provisórios;
- Atendimento aos programas do governo estadual;
- Encaminhamentos referentes à habitação, considerando que inúmeras famílias perderam suas moradias.

Também vivenciamos angústias de realizar diversos cadastros das famílias, mas enfrentar a dificuldade na contemplação de todas as famílias aos benefícios do governo. Foi desafiador pois a equipe técnica não tinha informações acerca dos benefícios, principalmente a diferença de quem recebeu e quem ainda estava aguardando estes retornos. Esbarramos na compreensão da comunidade, que em meio ao caos, imaginavam diversas respostas como: os dados não foram encaminhados pela assistência social, existe uma escala de prioridades com critérios estipulados pelo CRAS, etc. Diante destas inconclusões sem informações do governo, como explicar que uma família ganha os benefícios e outra não recebe nenhum tipo de auxílio?

Lembramos que nesta enchente muitas pessoas que não foram atingidas se sensibilizaram e fizeram doações

de vestuários, roupas de cama e móveis. Também os municíipes receberam doações de empresas de grande porte, doações de eletrométricos e móveis para que as famílias pudessem reiniciar de algum lugar. Quando presenciamos esses atos de bondade acreditamos na força do coletivo, na força do ser humano quando olha para o social, direciona seu olhar para o outro e ajuda até onde consegue.



Todos estávamos envolvidos de alguma forma, cada protagonista que trabalhou na enchente de 2023 entregou o seu melhor na tentativa de amenizar os estragos profundos da devastação que a enchente ocasionou nas famílias.

Em relação à causa animal, com urgência tivemos que tirar em massa do local no qual eles estavam, pois a água chegou até o abrigo, e diante das demandas das pessoas, por sorte tivemos pessoas que também lutaram por eles, colocando-os em lugares seguros, solicitando alimentação, cobertores, casas, coleiras e tudo que eles precisavam para primar pelos seus cuidados e proteção.

2024

A enchente de 2024, que devastou o município de Arroio do Meio, levando um bairro inteiro de casas embora, a água chegou de forma tão rápida e intensa que muitas pessoas não conseguiram retirar seus pertences e com isso acabaram perdendo móveis, lembranças, animais de estimação e parte de suas histórias. Os Idosos, em especial, sentiram profundamente a destruição de suas vidas,

suas casas e tudo o que construíram ao longo de toda uma vida.

O desespero tomou conta. Enquanto tentávamos acolher, nós também estávamos desestruturados. Nosso espaço de atendimento foi perdido. Não falamos em documentos ou registros que haviam sido levados pela água, e sim no fato de que não tínhamos nem o espaço para acolher as pessoas.

Choros de idosos, perda de histórias, animais e casas. A dor emocional foi a demanda mais latente. Diante deste cenário, nós, do Serviço Social e Psicóloga, tentamos realocar os atendimentos, buscando um mínimo de suporte às famílias.

Foram dias escuros, sem luz, sem água, sem comunicação, em meio ao medo constante da criminalidade que se espalhava do centro para os bairros. Abrimos sete abrigos, mas muitas famílias estavam espalhadas em casas de amigos, igrejas, caminhões, beiras de estrada. Ninguém sabia medir o tamanho da tragédia.

Famílias que residem em lugares altos e no interior de Arroio do Meio também foram atingidos, uma vez que ocorreram diversos deslizamentos de terra, que assustaram os moradores. Alguns não puderam retornar para seus lares, outros acabaram perdendo seus pertences, animais e plantações.

Nesta mesma situação se encontravam os quilombolas, que inicialmente apresentaram resistência para sair do local em função dos deslizamentos de terra, a ação de retirada das famílias ocorreu após muitos avisos de perigos vindos da Defesa Civil, muito diálogo e a compreensão de que eles seriam realocados em um abrigo seguro em palmas e não seriam separados.



Visconde do Rio Branco – Centro

Foto: Jaqueline Manica



Abrigo famílias – Bairro Aimoré – Enchente 2023

Foto: Leopoldina de A. Oliveira

Famílias inteiras sem rumo, sem previsão de retorno, sem qualquer perspectiva. A única via de acesso era por Roca Sales, com muita dificuldade. Helicópteros começaram a levar pessoas para tratamentos médicos. A travessia por barcos ou passadeiras virou rotina. O caos era total. Houve homicídios na Praça Central, e a família não pode chegar até o corpo e a polícia não tinha como acessar o Centro da Cidade. Com apenas dois policiais disponíveis, foi necessária a chegada da Força Tática para restabelecer a ordem. Então, andar nas ruas com policiais e exército passou a ser normal.

Atendemos cerca de 700 pessoas por dia. Todas pedindo respostas que nós não tínhamos. As empresas começaram a demitir, pois os funcionários não conseguiam se deslocar para os seus trabalhos. E aí começou o verdadeiro desafio: reconstruir vidas, lares e esperanças.

Antes desta tragédia não imaginávamos a importância de uma ponte, uma travessia construída pelo esforço de muitas mãos e forças de trabalhadores que até então passava despercebida. A partir do momento que caíram as duas pontes, isto é, dois importantes acessos que ficam na divisa do Rio Forqueta, e que ligam cidades próximas, que abraçam uma economia, vínculos familiares, fornecimento de alimentos que abastecem muitas famílias, entendemos a magnitude destes símbolos. As pontes salvam vidas todos os dias.

Bom, e mesmo não tendo estes dois acessos, os municípios de Arroio do Meio, Capitão, Encantado, Roca Sales não podiam parar, a vida deste lado tinha que continuar. Antes do Exército, a força do povo foi importante,

os barqueiros que salvaram inúmeras vidas no auge da enchente, foram os mesmos que proporcionaram as travessias. Após alguns dias e a organização do Exército as situações foram sendo organizadas para facilitar ainda mais o acesso entre as cidades, principalmente Lajeado e Arroio do Meio, com a inclusão de passarelas, travessias mais seguras com colete e proteção dos militares do Exército, ônibus de empresas para facilitar o transporte dos funcionários. Todas as transformações que ocorreram após um cenário devastador foram feitas com o esforço coletivo, de pessoas que não desistiram, que lutaram até ter novamente as pontes.

Foi extremamente importante a divulgação nas redes sociais da realidade das cidades atingidas, pois a maioria dos voluntários auxiliaram a partir do conhecimento da dificuldade de acesso dos municípios, ver pessoas fazendo força tarefa, organizando filas morro acima para fornecimento de cestas básicas, medicações, água potável, ração para animais, crianças pequenas e idosos com dificuldade de mobilidade foi substancial. O abastecimento inicial, diante de todo o caos que Arroio do Meio enfrentava, salvou muitas famílias.



Campo Sales – Bairro Navegantes

Foto: Defesa Civil



BOM RETIRO DO SUL

**Quando as águas levaram,
o afeto permaneceu:
relato da enchente de 2024
em Bom Retiro do Sul/RS**

Ana Paula de Souza Schwertner
Assistente Social

Bruna de Moura Cardoso
Psicóloga

Aenchente de maio de 2024 transformou profundamente o nosso entendimento acerca de tragédias e desastres. Ao revisitarmos aqueles dias, para a escrita deste relato, sentimos novamente arrepios, aperto no coração e uma tristeza difícil de traduzir em palavras. As imagens da água invadindo casas, ruas e vidas permanecem vivas em nossa memória, assim como os rostos das pessoas que encontramos, cheios de medo, dor, mas também de esperança.

Nosso primeiro abrigo foi improvisado em um espaço pequeno, com capacidade para receber cerca de dez famílias. Àquela altura, não tínhamos dimensão do tamanho da tragédia que se aproximava.

Pouco a pouco, foram chegando pessoas idosas vindas da cidade vizinha de Cruzeiro do Sul, carregadas em barcos de resgate. Entre tantas lembranças, uma nos acompanha com grande força: a chegada de uma senhora completamente molhada, que não largava do colo o seu cachorrinho de estimação. Segurava-o com firmeza, como quem segura a própria vida. Ao receber roupas secas e um abraço acolhedor, ela se desfez em lágrimas. Entre soluços, contou que estava no teto da casa junto com outros vizinhos quando foi resgatada. Aquele momento nos mostrou o quanto, em situações de desastre, o afeto e o cuidado simples — um olhar atento, um gesto de acolhida, uma palavra de conforto — têm o poder de restaurar forças.

Rapidamente, percebemos que o espaço inicial não comportava o número crescente de pessoas em necessidade. Foi então organizado um segundo abrigo, em uma escola, que oferecia melhores condições e maior privacidade para as famílias. O clima era de pânico: ninguém havia vivido algo tão grande. O silêncio dos desabrigados era cortado por choros contidos, conversas ansiosas, pedidos de notícias. A comunicação estava interrompida, e a falta de informações aumentava a angústia. Muitos trabalhadores também viviam desafios pessoais intensos, entre eles estávamos nós: dupla dessa formação, enfrentando tensões com nossos familiares — eu, Bruna, aguardando meu pai de 67 anos para hemodiálise, e Ana Paula, esperando oxigênio para a sogra de 88 anos, sem saber quando esses cuidados tão essenciais para a manutenção da vida seriam restabelecidos. Ainda assim, permaneceram presentes, firmes, oferecendo atenção, cuidado, carinho e dedicação a cada pessoa que chegava. A cada família acolhida, a cada criança assustada, a cada idoso fragilizado, fortalecia-se em nós o verdadeiro sentido do SUAS: estar ao lado do outro, com humanidade e cuidado.

Entre tantas histórias, recordamos com dor a de um casal que, aflito, nos pedia insistente para tentar telefonar aos vizinhos e pedir que fechassem a casa deles, com medo de furtos. Não sabiam que, naquele momento, já não havia casa a ser protegida: tudo havia sido levado pela força da água, nem mesmo os alicerces resistiram. Partilhar com eles essa verdade foi uma das experiências mais difíceis que tivemos. O choro desesperado e a sensação de perda absoluta revelaram a face mais dura do desastre: não se perdeu apenas um bem



material, mas um lar, uma história, um pedaço da própria vida.

Na ânsia de ajudar, por vezes nos colocamos em risco. Subimos em botes improvisados, sem equipamentos de segurança, para levar marmitas e água potável às pessoas que insistiam em permanecer em suas casas, muitas delas com a água já na altura do peito. Víamos em seus olhos o apego ao que restava, a tentativa de preservar memórias, documentos, fotografias, mesmo diante do perigo. Essa entrega arriscada dos trabalhadores também mostra o quanto o cuidado, em momentos de crise, exige coragem e, sobretudo, compromisso com a vida humana.

Os abrigos se transformaram em espaços de convivência forçada entre pessoas de diferentes origens, idades e histórias. Crianças dividiam brinquedos improvisados, adolescentes tentavam carregar celulares sem sinal, idosos buscavam conversar para aliviar o peso da espera. Havia dias em que a tristeza parecia dominar, e outros em que pequenos gestos de solidariedade nos devolviam a esperança: alguém que dividia um cobertor, um voluntário que chegava com doações, uma criança que sorria ao receber um pacote de bolacha.

Esses detalhes, aparentemente simples, nos mostraram que a vida insiste, mesmo em meio ao caos. Enquanto equipe, também vivemos sentimentos contraditórios. Sentíamos medo, cansaço, dor pela perda dos outros, mas ao mesmo tempo descobrimos uma força coletiva que nos sustentava.

O SUAS, naquele momento, não era apenas uma política pública: era uma rede de cuidado, afeto e presença. Percebemos que, em meio ao desastre, não bastava oferecer abrigo físico; era necessário oferecer acolhimento, escuta, abraço, palavra, esperança.

A enchente de maio de 2024 deixou marcas profundas em cada pessoa atingida, mas também em cada trabalhador e trabalhadora que esteve envolvido na resposta. Aprendemos que emergências e desastres escancaram fragilidades, mas também revelam solidariedades. Aprendemos que o trabalho em rede, a escuta sensível e a capacidade de improvisar soluções diante da urgência são fundamentais. E, acima de tudo, aprendemos que o afeto é tão essencial quanto qualquer recurso material.

Esse relato é uma tentativa de registrar não apenas o que vivemos, mas o que sentimos. Porque as enchentes não devastam apenas casas e ruas: elas atravessam vidas, histórias e memórias. E foi no encontro com cada pessoa desabrigada, em cada gesto de cuidado, que redescobrimos o sentido mais profundo da nossa atuação.





Ponte encheente 2024

CANUDOS DO VALE

Novos caminhos

Bételen da Rosa Oliveira Reginatto
Assistente Social

Patrick Reni Pazzato Lazzarotto
Psicólogo

Em Canudos do Vale a beleza do interior sempre foi motivo de orgulho. As estradas sinuosas, que serpenteiam entre morros e lavouras, revelam a cada curva um pouco da vida simples e dedicada dos agricultores. O charme das casas em estilo colonial, herança da colonização, dá um colorido especial à paisagem. Ao chegar na cidade, a Igreja Nossa Senhora da Natividade, cercada por sua graciosa praça sombreada por árvores centenárias, recebe a todos com um ar acolhedor.

Na primavera, o perfume das flores de laranjeiras invade o ar, enquanto ipês e corticeiras pintam os campos com seus tons vivos. Já no inverno, as chuvas trazem à vida cascatas escondidas, que brotam à beira dos caminhos, lembrando a força e a beleza da natureza.

Mas em 2024, essa mesma natureza que encanta trouxe também um dos maiores desafios da história do município: as enchentes. As fortes chuvas fizeram os rios e arroios¹ transbordarem, causando prejuízos nas estradas, lavouras, casas e, sobretudo, na principal ponte da cidade. As quedas das pontes que dividiu Canudos do Vale em duas partes, dificultando o acesso da população a serviços fundamentais. Famílias inteiras ficaram sem conseguir chegar à Unidade Básica de Saúde e ao CRAS, o que trouxe preocupação e angústia, principalmente para idosos, crianças e pessoas em tratamento de saúde.

¹ Expressa gaúcha para designar um rio de pequena proporção. No dicionário, pequena corrente de água, seja ou não permanente; regato.

Em meio a tantas dificuldades, o que mais marcou foi a solidariedade. O grupo de trilheiros do município se uniu aos esforços da administração e da comunidade, levando mantimentos a lugares onde nenhum veículo conseguia chegar. Cada entrega carregava não apenas alimento, mas também esperança e afeto.

Essa experiência nos mostrou que o SUAS não se faz apenas com profissionais dedicados em seu dia a dia, mas também com a força da comunidade que se une em tempos difíceis. Juntos, descobrimos que a rede de proteção vai muito além das paredes das instituições: ela nasce do cuidado, da empatia e da vontade de estar presente para o outro.



COLINAS

**Relato de experiência:
centros de distribuição de donativos**

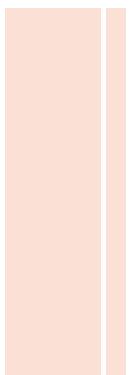
João Pedro Greff Burkt Filho
Assistente Social

Gisele Sofia Nietiedt
Psicóloga



 S dias da enchente de maio foram bastante desafiadores no município de Colinas, o município de 2.423 habitantes, situado às margens do Rio Taquari, que sempre teve uma boa relação com o rio, sendo utilizado como fonte de renda por diversas famílias, lazer nos verões escaldantes e gerando belas imagens ao pôr do sol. Após os eventos climáticos de Setembro e Novembro de 2023 e principalmente Maio de 2024, a relação da população com o rio mudou e a relação dos municípios com a assistência social do município também.

A assistência social do município foi bastante solicitada diante destes desafios climáticos. A equipe do município é bastante reduzida, visto seu pequeno porte, então precisamos do apoio das demais secretarias do município, além de associações comunitárias e apoio de voluntários.

 **Aprendemos bastante com a enchente de Setembro de 2023, principalmente com o manejo e organização dos espaços. Tanto a organização de donativos quanto a organização dos abrigos ficam aos cuidados do CRAS e de sua equipe, contando com apoio intersetorial e das agentes de saúde, que ficaram responsáveis de levar cestas básicas e donativos às famílias colinenses atingidas pela enchente.**

Passado este período, identificamos que a equipe estava muito sobre carregada e que a população perdeu muito de sua autonomia diante da crise.

Nesta enchente, também colocamos pessoas e doações em um mesmo espaço/salão, o espaço ficou comprometido para as famílias devido ao grande volume de doações e também gerando conflitos entre a população e necessidade de intervenção da equipe.

Na enchente de Maio de 2024, a estratégia de organização foi diferente. A população foi mais atingida e novos cadastros e acolhimentos foram necessários. Assim, articulamos que os atingidos se direcionassem até o CRAS, para realização de cadastros e acolhimento da equipe técnica. Também tivemos equipes volantes indo ao território e verificando as condições e necessidades das famílias atingidas.

Os abrigos das famílias foram em locais diferentes dos locais onde as doações foram armazenadas, assim, as famílias puderam ser acomodadas de maneira mais ampla e as doações também puderam ser melhor organizadas no espaço destinado a elas.

As doações foram destinadas ao Salão Comunitário de Linha Ano Bom, localidade que não foi atingida pela enchente e que o apoio dos moradores foi muito importante para a organização do espaço. Os atingidos buscaram o CRAS para realização de cadastro e acolhida de suas demandas. Após escuta e acolhimento dos técnicos, recebiam vouchers para retirada dos itens mais necessitados no momento e direcionados ao salão da localidade acima referida para retirar os itens. O município disponibilizou ônibus com saída em frente ao CRAS para a população ir ao Centro de Distribuição retirar os itens.

O ônibus saía em horários pré definidos e aguardava os municíipes para o retorno a cidade. Importante reforçar que água potável foi fornecida sem passar pela entrega de *vouchers*. Durante visitas às localidades mais remotas, também eram realizados cadastros com as famílias e entrega de donativos conforme as necessidades relatadas.

Conforme o passar dos dias e a reorganização das famílias em suas residências os turnos no centro de distribuição foram sendo reduzidos gradativamente, assim como os horários de ônibus, até o fechamento do Centro de distribuição no mês de Agosto seguinte.

Após a entrega das doações recebidas pela sociedade civil, foram listados todos os atingidos do município mediante os cadastros realizados pelos técnicos no CRAS e a Defesa Civil do município fez repasses mensais de cestas básicas, itens de higiene e limpeza a estas famílias, sendo estipulados dias e horários que as famílias iam até o auditório municipal fazer a retirada. A divulgação destes dias se deu através das redes sociais do município e de canais de transmissão das agentes de saúde com suas famílias referenciadas.

Diante dos eventos climáticos recentes, foi percebida a fragilidade do SUAS enquanto política pública municipal e a necessidade de mais recursos humanos para atender a população e suas demandas, com as catástrofes climáticas, a vulnerabilidade social no município teve um crescimento significativo, visto que além das residências atingidas muitas famílias também perderam suas fontes de renda, o que a curto prazo já refletiu em aumento no fluxo do serviço.



COQUEIRO BAIXO

**Entre perdas e resistências:
o impacto das águas e
a força da comunidade**

Angélica Gobel Zambiasi
Assistente Social

Glaér Cristina Giongo
Assistente Social

Beatriz Souza Iochims
Psicóloga

Angélica Gobel Zambiasi

Naquela segunda-feira, 29 de abril de 2024, saí à tarde para buscar meu carro que estava na oficina em Linha Jacarezinho, município de Encantado, local que na noite desta mesma data foi invadido pela água do arroio Jacaré. Ainda na oficina, por volta das 16h, percebo que umas nuvens escuras haviam tomado conta do céu. Anoiteceu e logo em seguida começaram os primeiros pingos de chuva.

Como planejado fui até o centro de Encantado comprar alguns medicamentos para meus pais, ambos idosos, que me aguardavam em nossa casa no interior de Coqueiro Baixo. A chuva estava cada vez mais forte e se tornou impossível caminhar na rua. Aguardei um tempo para sair de onde estava. Parecia ter acalmado, fui até o carro, dirigir naquele tempo também estava se tornando algo perigoso, permaneci andando bem devagar. Saindo da cidade para retornar para casa recebo ligação da minha mãe, me falou que o rio em frente a nossa casa estava transbordando, então deveria tentar chegar em casa por outro lado. Um pouco assustada permaneci andando e torcendo para chegar em casa segura. No caminho peguei muita chuva, água por todos os lados. Lembro que passando por Relvado, as escadarias da prefeitura haviam se tornado um rio, muita água descia ali. Não tenho palavras para descrever; estava nervosa e preocupada por isso não registrei aquilo.

Pelo caminho, no interior até a minha comunidade, muitas pedras na estrada, e muita, mas muita água, a chuva não parava. Cheguei em casa, tentei me acalmar e acalmar meus pais, sentimento de alívio, “estou em casa”.

Permaneci por mais três dias sem conseguir chegar no trabalho. Aquele rio que até o momento permanecia somente algumas horas transbordando, naquela semana não deu trégua. Ele aumentava a cada hora, tomava conta de toda a estrada. Aquelas águas nos impediam de nos movermos. Todos nós perdemos a garantia de ir e vir, da liberdade, da segurança, e o sentimento que prevalecia era de impotência.

Aquela madrugada que antecedeu o dia 02 de maio foi a mais assustadora. Meu quarto é de frente para o rio. Eu ouvia o barulho muito forte, parecia que a água estava cada vez mais perto, só tínhamos lanterna, abria a janela e esperava os relâmpagos clarear tudo antecedendo o barulho das trovoadas podíamos ver que novamente era muita água, a chuva caia forte, e mais barulho no telhado de aluzinco da minha casa.

Ao amanhecer acordamos com barulho de moto, um amigo veio avisar que meus sogros precisavam de ajuda. A água havia invadido o mercado, não importa quantos centímetros de água foram, talvez menos de um metro, importa que muita coisa foi embora com a água. A luta diária de anos, domingo a domingo para chegar aonde estavam naquela data, para conquistar bens materiais, alguns confortos para sua casa, a cidade toda de Relvado estava irreconhecível. Permaneci naquele dia, no final de semana, à noite ajudando no que podia. Vestíamos botas de borracha e luvas, parecia um pesadelo. Tinha lama em

todos os espaços. A força para seguir vinha quando lembramos de agradecer, pois tínhamos nossas casas que não haviam sido atingidas, um lugar seguro, o melhor lugar do mundo, seco, sem lama.

Na primeira oportunidade de acesso para me locomover, fui até o CRAS. Chego na cidade e percebo a destruição na avenida Itália: mercado, restaurante e pousada, a água invadiu muitas casas ali. Começamos a receber informações de que muitas famílias do interior estavam sem acesso para sair, sem alimentos e medicamentos. Muitas famílias estavam jogando fora toda produção de leite diária. Até o momento a maior preocupação eram os pacientes que necessitavam realizar hemodiálise em Lajeado e não havia resposta ou definição de quando poderiam se deslocar. Responsáveis da saúde e administração buscavam solucionar esse desafio.

Não lembro quantos dias haviam se passado do início daquela tragédia. Começamos a aquisição e separação de cestas básicas, água, material de higiene pessoal e limpeza no comércio local, que já estava limitando as quantidades por medo do abastecimento, já havia a notícia que não tínhamos mais acesso algum para chegar a Lajeado. O combustível também estava sendo rationado. A Defesa Civil local começa receber ligações e solicitações de informação caso houvesse a necessidade de doações. Não tínhamos conhecimento do tamanho das perdas e dos estragos no município.

Iniciamos as visitas para comunidades mais distantes do centro da cidade, levando consigo os alimentos e materiais, estes considerados por nós de suma importância naquele momento.

Em algumas residências nosso carro não conseguia chegar; solicitamos trator do morador mais próximo; em outras casas, precisamos chegar caminhando. Alguns trajetos foram quilômetros de distância. Ouço de uma idosa atingida diretamente, que não havia sobrado nada da sua casa, de seus pertences, objetos que havia guardado com muito carinho para ocasiões especiais e que agora, não os tinha mais pois o rio os levou.

Passado alguns dias tentamos nos deslocar para uma comunidade na qual estavam ilhados devido aos deslizamentos. Fui recebida por uma usuária que chorava muito. Quando cheguei tentei acolher, o desespero era pela falta de dinheiro, pois não conseguiu receber o benefício do mês e havia falta de alimentos e de velas para iluminar à noite. Quando entreguei alguns itens que havia levado nos braços debaixo da chuva, o choro se transforma em riso e gratidão.

Nosso município tem maioria da população idosa; muitos residem a quilômetros de distância do centro da cidade, e conciliam a vinda ao centro da cidade para realizar tudo de uma só vez: vão ao banco, posto de saúde, farmácia, mercado. As chuvas iniciaram ainda no final do mês, anunciando os riscos de sair de casa; alguns precisaram sair naqueles dias e não conseguiram retornar, contando com o amparo de vizinhos e amigos que os acolheram.

Glaér Cristina Giongo

Dia 27 de abril de 2024, o sábado começou com um amanhecer bonito, ensolarado. Na tarde deste dia, eu tinha compromisso no outro município que trabalho, Travesseiro, pois ocorreria um dos bailes de idosos promovidos no município. Logo antes do meio-dia, um forte

vento, sem que percebêssemos, anunciava o que estaria por vir. Caixas empilhadas caíram, portas bateram, mas naquele momento, foi só aquilo. O baile iniciou à tarde, salão cheio, idosos alegres, mas muitos já estavam com seus olhares para o céu, pois o tempo estava se preparando, como eles mesmos diziam. Ao anoitecer a chuva começou, e o que ninguém imaginava, é que a mesma perduraria torrencialmente por dias.

Na segunda, dia 29, vou normalmente ao meu trabalho em Coqueiro Baixo. Choveu intensamente durante todo o dia. Ao final do expediente fui para casa como de costume, ainda tínhamos luz.

No dia seguinte, me organizei para ir ao município de Travesseiro, porém nem sonhava com o que estava acontecendo. A chuva continuava, fui pelo meu caminho habitual, onde me deparei com inúmeros obstáculos, como árvores caídas, deslizamentos de terra, buracos na estrada.

Foi nesse momento que comecei a entender o que estava acontecendo. Tentei então ir por outro caminho. Nele, encontre pessoas desesperadas, pois um açude estava prestes a “estourar” e se isso viesse a acontecer, inúmeras casas nas proximidades seriam atingidas.

Eu não iria conseguir chegar no meu trabalho nem por esse caminho, pois um deslizamento enorme de terra fechou um dos principais acessos. A dona do açude então, pede encarecidamente minha ajuda, no sentido de eu ir até a secretaria de obras do município onde resido (Capitão), e solicitar para que eles fossem até lá com uma máquina para evitar que mais aquele acidente ocorresse.

Retorno, ainda muito assustada por tudo o que vi, e consigo ir até a Secretaria de Obras. Volto para casa, já não tínhamos mais luz desde a madrugada, relato ao meu marido sobre tudo o que vive naquelas poucas horas da manhã da terça-feira. Meus filhos também estavam em casa, pois já não havia aula.

Na quarta-feira, dia 01 era feriado, mas ninguém lembrou disso. Consigo chegar em Coqueiro Baixo, não era meu dia de trabalho no município, mas minha colega Angélica não conseguia sair de casa, pois o rio em frente da sua casa alagou todo o acesso, e o pessoal daquela comunidade ficou ilhado. Nessa manhã, fui com o auxílio do motorista da secretaria de Saúde retirar de suas casas, famílias que estavam em situação de risco. Uma delas foi a família de um casal de idosos, que na verdade não sabíamos ao certo para onde os levaríamos, mas precisavam sair de sua casa. Quando chegamos na residência, a pé, pois não havia como chegar de carro, o casal parecia ter ficado aliviado, pois até que enfim alguém estava lá para ajudá-los. Eles já estavam com suas coisas organizadas e logo aceitaram sair, porém percebi que eles queriam dizer algo. De repente vejo a idosa olhando para sua chorrinha que estava em cima de uma cadeira e naquele instante, tanto eu como o motorista dissemos ao casal, que poderiam levá-la, conduzimos os idosos até a casa de seus sobrinhos. Após isso, mais famílias foram realocadas em casas de familiares e uma delas (unipessoal), foi levada até a pousada do município. Dessa forma, conseguimos garantir que as famílias atingidas, estivessem novamente em locais seguros.

Na sexta dia 03, novamente não consigo chegar em Travesseiro, todos os acessos trancados ainda. Sigo sentido a

Coqueiro Baixo, quando chego no CRAS, me desespero, um sentimento de impotência toma conta de mim, começo a chorar, pois ainda não sabia como estavam as famílias do outro município que trabalho. Estávamos todos buscando garantir que as famílias fossem atendidas, levando alimentos, água, velas e fósforos às famílias nas quais conseguíamos chegar. Mas recebíamos notícias muito tristes, de que casas haviam sido levadas pela água, outras parcialmente soterradas. Que haviam localidades que não se sabia ainda como as pessoas estavam, pois os enormes deslizamentos de terra, bloquearam todos os acessos.

Perante tudo o que estava acontecendo, hoje podemos dizer que talvez tenha sido engraçado/curioso, foi de que chegou um momento que não haviam mais velas em nenhum lugar, mas era o maior pedido das famílias. Foi nesse momento que eu e a coordenadora do CRAS nos olhamos e dissemos: *sim, é lá mesmo que vamos pegar velas emprestadas*. O povo católico tem o costume de acender velas para seus entes queridos que já partiram, foi lá então, que com todo o respeito pegamos as velas emprestadas. Pegávamos as mesmas já pedindo desculpas e prometendo devolvê-las assim que possível. Graças a este ato, garantimos que muitas famílias de nosso município não ficassem no escuro.

No sábado pela manhã, após receber a informação de que eu poderia ir até meu outro local de trabalho, me dirijo até o município de Travesseiro, ainda haviam algumas barreiras na estrada, mas consegui chegar. Quando fui me aproximando da entrada da cidade, começo a ficar assustada com o que estou vendo. Não sabia ao certo para que lado ir, fui então até a casa de meu colega (Coordenador do CRAS). A casa dele estava servindo de

abrigó também para famílias atingidas. Vou com ele até o Gabinete de Crise, vejo que passados dias do início da tragédia, o município estava conseguindo se organizar. O cansaço, a exaustão eram visíveis nos rostos de meus colegas e gestores, mas até que enfim, eu havia conseguido chegar lá, para auxiliar com meu trabalho neste município que também atuo.

As famílias precisavam de nós, então eu e a colega psicóloga começamos em uma rua a visitar as famílias. Eu ainda não acreditava no que estava vendo, casas e ruas destruídas; pessoas tentando limpar suas casas, pois o barro era muito e dificultava a limpeza. O que falar nesse momento?

Não havia o que ser dito, mas olhávamos para as pessoas como dizendo: estamos aqui, estamos vendo o que está acontecendo com vocês e de alguma forma, vamos ajudar vocês.

Naquelas duas semanas seguintes, o município de Coqueiro Baixo permitiu que eu ficasse trabalhando em Travesseiro, pois este foi muito mais atingido. O que me tranquilizava é que a equipe de Coqueiro Baixo estava conseguindo atender as famílias atingidas, e como já tínhamos luz e sinal de internet, conseguíamos com o passar dos dias, nos comunicar diariamente.

Beatriz Souza Lochims

Os primeiros dois dias não consegui chegar até o trabalho, não fazia ideia da dimensão do que estava acontecendo, porque não tinha comunicação, assim me parecia

ser uma enchente como tantas outras além de que onde eu estava não visualizava a tragédia e a comunicação era precária, só conseguia mínima informação quando estava na UBS; pouco a pouco fui me inteirando do que estava acontecendo e assim criando um enorme sentimento de impotência.

Não estava residindo na minha casa em Estrela e sim em Nova Bréscia, em função de ficar próxima a Coqueiro Baixo onde trabalhava. Minha casa em Estrela é localizada no centro e nunca tinha pego enchente. Quando comecei a ver as imagens era difícil acreditar, foram mais de 3m de altura que ficou coberto de água. Perplexidade total. As imagens eram chocantes, cidades destruídas, vidas e sonhos ceifados pela natureza. Após alguns dias, quando o acesso a Estrela foi possível, me desloquei até lá e o trajeto de 1h levou 4h.

Todo percurso era assustador; quando entrei na cidade já era tarde da noite e não tinha ninguém na rua. Escuridão total e um cheiro que nunca vou esquecer; parecia que só eu tinha sobrevivido.

CRUZEIRO DO SUL

**Dor, reencontro e esperança:
marcas da enchente de 2024**

Mariângela Leopoldina
Assistente Social



Trabalhei no Parque do Imigrante (Lajeado/RS²) durante meu horário de expediente e, após, também como voluntária, na recepção e triagem das pessoas socorridas pelos helicópteros que chegavam das buscas e salvamentos. Não há palavras que consigam traduzir a dor e o sofrimento que vi de perto. O desespero estampado em cada olhar cortava o coração, mas era preciso ser forte para dar o suporte a cada pessoa que chegava totalmente sem chão, porque havia perdido tudo o que dava sentido à vida.

Essa experiência marcou minha alma de um jeito que levarei para sempre. A dor e o desespero que vi nos olhos de cada um nunca serão esquecidos. Mas, ao mesmo tempo, o que ficará como referência na minha memória



2 No Parque do Imigrante, em Lajeado/RS, foi onde os helicópteros que realizavam os salvamentos tinham sua base, visto que as ambulâncias do SAMU também estavam presentes e o hospital Bruno Born (Lajeado) ficou de referência para os atendimentos. Alguns municípios do Vale do Taquari, desse modo, possuíam profissionais de referência nesta base, para auxílio das pessoas/familiares atingidos.

são as cenas dos reencontros. Em meio ao caos, quando alguém sem notícias de seus familiares os encontrava, presenciei momentos de felicidade pura, que nasciam no coração mais ferido.

Vivi os dois lados mais extremos da vida: de um lado, a dor insuportável da perda; do outro, a gratidão e a alegria de reencontrar quem se acreditava perdido. Foram momentos que me mostraram o quanto a vida pode ser cruel, mas também o quanto pode ser preciosa. Onde tudo se perdeu, ainda restava a esperança, a força de recomeçar e a gratidão por estar vivo.



DOUTOR RICARDO

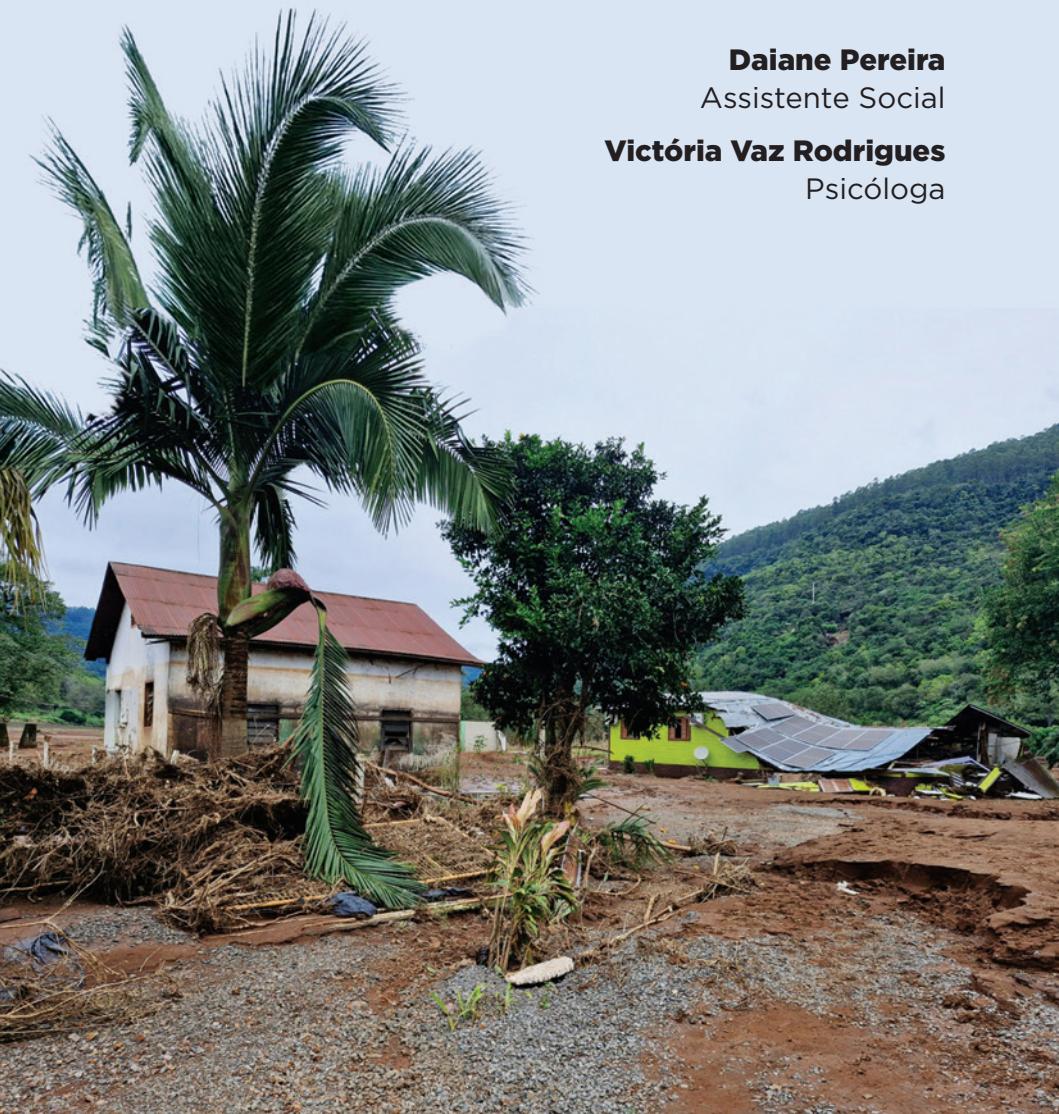
Doutor Ricardo – a terra do Filó

Daiane Pereira

Assistente Social

Victória Vaz Rodrigues

Psicóloga



 O município de Doutor Ricardo está localizado na região alta do Vale do Taquari, no estado do Rio Grande do Sul. Foi desmembrado de Encantado e Anta Gorda através da Lei Estadual n.º 10.639 no dia 28 de dezembro de 1995, tornando-se um município, instalado em 1º de janeiro de 1997. O município se localiza a 169 km de Porto Alegre, na região Alta do Vale do Taquari, faz parte da Associação dos Municípios do Alto Taquari (AMAT), e atualmente possui aproximadamente 1.888 habitantes (CENSO, 2023).

No dia 04 de setembro de 2023, o município sofreu com uma grande enchente, que foi comparada com a maior já registrada na história, a do ano de 1941. Essa atingiu diversas propriedades do município, invadiu casas, isolou pessoas, resultou em mudanças das lavouras, principalmente próximo ao Rio Guaporé, nas comunidades de Barra do Zeferino e Santo Antônio, a qual demandou um trabalho de apoio aos atingidos. A cheia também destruiu um grande atrativo turístico: a pinguela da Barra do Zeferino.

Após meses de trabalho de apoio e recuperação de lavouras, estradas e organização de duas habitações destruídas, o município inicia o ano seguinte com força para seguir o seu trabalho. Com foco no setor primário e uma população predominantemente de descendentes italianos, o município também investe na preservação e no resgate dos costumes e tradições dos imigrantes por meio de diversas formas de manter vivas as memórias

dos antepassados. Como todos os anos, nos primeiros meses do ano a atenção se voltava também para celebrar os filós³.

No dia 26 de abril de 2024, iniciaram-se as chuvas que marcariam profundamente a história do município de Doutor Ricardo/RS. A princípio, parecia apenas mais um período chuvoso, mas rapidamente se transformou em um evento climático extremo, que se estendeu por quase três meses, com precipitações contínuas, neblina espessa, umidade constante, deslizamentos, bueiros entupidos, estradas intrafegáveis e comunidades completamente isoladas. A população vivenciou um verdadeiro cenário de guerra, com praticamente todas pontes e pontilhões destruídos, redes elétricas arrasadas e um clima de insegurança e desespero se espalhando por toda a região.

Famílias inteiras precisaram deixar suas casas às pressas, muitas sem conseguir levar nenhum pertence. Algumas, como as da Barra do Zeferino, se refugiaram na igreja da comunidade, onde passaram dias com frio e fome, improvisando comida com milho colhido em lavouras próximas e panelas resgatadas das enchentes. Uma família da comunidade da Linha Santo Antônio acolheu vizinhos por semanas, enquanto a prefeitura buscava identificar locais seguros para abrigar pessoas, que pela primeira vez na história do município veio a acolher desabrigados. O Giná-

³ O filó é uma tradição que nossos antepassados trouxeram da terra mãe, a velha Itália. No início da colonização de Doutor Ricardo era comum ver-se durante a semana os lampiões sendo levados pelas pessoas que iam fazer filó. O filó era um momento de confraternização, oração, cantoria e partilha oferecida pela família que acolhia as visitas, regado a pinhão, batata doce, amendoim, pipoca e, claro, o bom vinho entre outras comidas. Nesses encontros cantavam, contavam os mais diversos causos e anedotas (LEI MUNICIPAL Nº 1580/2014 e LEI ESTADUAL Nº 15.195/2018, que declaram o município de Doutor Ricardo Terra do Filo).



sio Paroquial foi o primeiro abrigo, que após ficou um centro de chegada e partida de doações, sendo após transferido o abrigo para o Centro de Convivência Pe. Giocondo Vaccaro, junto ao CRAS, onde os atendimentos e doações começaram a ser organizados.

Sem energia elétrica, sinal de telefone ou internet, a comunicação era praticamente inexistente. O prefeito precisou buscar ajuda no município vizinho de Ilópolis para acionar a Defesa Civil. Um drone foi contratado para captar imagens das áreas mais atingidas, como a Linha Santo Antônio e a Barra do Zeferino, mas a neblina dificultava a visibilidade. Com o tempo, helicópteros começaram a chegar, mesmo com muitas dificuldades, e os primeiros resgates foram realizados com um trabalho em conjunto dos municípios de Doutor Ricardo e Anta Gorda.

Os desafios se acumulavam. A equipe da Assistência Social trabalhava ininterruptamente juntamente com as Secretarias de Saúde, Obras, Agricultura e Meio Ambiente, muitas vezes sem tempo para refeições e muito menos uma pausa.

A demanda era gigantesca: organizar abrigo, resgatar pessoas, distribuir doações, oferecer atendimento psicológico, manter os acessos minimamente transitáveis, cuidar de animais domésticos, abastecer geradores, preencher cadastros e relatórios, participar de reuniões com os governos estadual e federal, tudo sem estrutura adequada. Ainda assim, o comprometimento foi total. Em um cenário de completa vulnerabilidade, a empatia foi a principal aliada.

No dia 3 de maio, foi decretada oficialmente calamidade pública no município. O abrigo passou a funcionar como centro de acolhimento e de logística para distribuição de donativos e coordenação de voluntários. Diversas doações chegaram de outros municípios e estados, inclusive com o apoio de pequenos aviões que pousaram no campo de aviação de uma propriedade particular para trazer mantimentos. O trabalho não parava: era preciso reconstruir acessos, recuperar pontes, monitorar deslizamentos e oferecer dignidade às famílias afetadas.

No dia 05 de maio, o município contava com abrigados vindos da Linha Zeferino, Barra do Zeferino e Linha Graffé que foram resgatados por terra, a pé, levados com tratores, ou ainda por ar, através de helicóptero. A dificuldade encontrada para conseguir os serviços de helicóptero, além da neblina densa, foi que em outros municípios, muitas pessoas precisavam ser resgatadas de cima de telhados, locais que estavam rodeados por água, árvores, casas e todo tipo de entulho que era arrastado pela forte correnteza. Contudo, devido a uma força tarefa entre os municípios de Anta Gorda e Doutor Ricardo, por haver uma gestante e pessoas idosas isoladas que estavam necessitando de assistência e cuidados, o helicóptero chegou para fazer os resgates.

As pessoas resgatadas foram direcionadas à UBS para serem avaliadas pela equipe de saúde, pois estavam em choque e incrédulas com a situação. Algumas passaram por crise de pânico, com sintomas de taquicardia, respiração acelerada, falta de ar, medo, entre outros. Estavam sem notícias de parentes, sem entender o que estava acontecendo e vivendo uma verdadeira vulnerabilidade em todos os sentidos. O fato de precisar abandonar tudo

o que tinham, às pressas, para poder salvar as suas vidas foi algo nunca imaginado. Após avaliadas e medicadas pela equipe de saúde, as pessoas eram encaminhadas para o abrigo a fim de serem acolhidas pela equipe da Secretaria de Assistência Social. Algumas pessoas não ficaram no abrigo improvisado pela prefeitura e se alojaram, inicialmente, em casas de parentes ou amigos e outras, ainda, alugaram locais no centro da cidade. O Centro de Distribuição (CD) localizado junto ao Ginásio Paroquial já ocupava todo o espaço, utilizado para receber doações e voluntários dos municípios de Ijuí e Entre-Ijuís (Esquina Gaúcha), os quais foram os primeiros a chegar. O destino inicial da equipe seria o município de Arroio do Meio, porém, como a RS332 não permitia o acesso de caminhões e carretas, os trabalhos foram centralizados no município de Doutor Ricardo. O local acabou se tornando um centro de apoio para as pessoas afetadas do município e também dos municípios de Encantado, Roca Sales, Arroio do Meio e Muçum. Os voluntários chegaram com alimentos, roupas, colchões, água, produtos de limpeza, barcos motorizados, macas rígidas, radioamadores, itens para preparar as refeições e além disso, com conhecimento de resgates de pessoas em momentos de calamidades. A chuva não parava. Não havia trégua e isso causava ainda mais problemas na organização dos trechos das demais estradas, como a da Linha Bonita Baixa e a estrada de acesso à Barra do Coqueiro, município de Encantado. No dia 06 de maio, a prefeitura de Encantado chegava com maquinários pela estrada da Barra do Guaporé e tentava abrir caminhos até a Linha Santo Antônio e Barra do Zeferino em meio a mais de um metro de lama. E foi também no dia 06 de maio que o abrigo foi transferido



22 de mai. de 2024 16:57:36
-29°8'17,298"S -51°54'18,606"W

do Ginásio Paroquial para o Centro de Convivência Pe. Giocondo Vaccaro, junto ao CRAS. No local foram fixados alguns avisos escritos à mão, pois não havia energia elétrica para digitar e imprimir. Os avisos somente foram retirados do abrigo no dia do encerramento das atividades, dia 24 de junho, onde as últimas famílias abrigadas foram direcionadas para aluguéis sociais.

A equipe da Secretaria de Assistência Social se reuniu para definir funções, desta forma, cada profissional ficou responsável por uma tarefa e contava com a ajuda dos demais colegas, além de voluntários.

Foi feita divulgação das responsabilidades para que quem precisasse de algo ou alguma informação soubesse a quem se reportar, assim, as tarefas estavam organizadas. Nos primeiros dias, a iluminação noturna era feita com velas de cera. Depois, com um lampião a gás antigo, chamado de “Liquinho”, que fora utilizado em fílos nos anos anteriores. Após, foi adquirido em gerador de energia elétrica que foi instalado junto ao CRAS, onde os abrigados foram transferidos para ter maior privacidade, já que o Ginásio Paroquial tinha se transformado em algo mais complexo que um local para abrigar pessoas. Também, foi adquirida uma secadora de roupas, pois os abrigados precisavam lavar e secar suas roupas e o sol não aparecia — a chuva continuava sem cessar. A Secretaria da Saúde forneceu suporte com organização das medicações e acompanhamento psicológico aos desabrigados, serviço crucial na situação inédita que estava sendo enfrentada. Notícias de estragos por toda a parte e a ponte junto ao Moinho 332 também tinha sido comprometida e precisava de reparos. A antiga ponte de ferro não resistiu e a mais nova estava com suas cabeceiras danificadas. Equipe da Marinha do Brasil, com seus engenheiros, aterrissaram na Linha Santa Lúcia, com um helicóptero, para avaliar as condições da estrada no Morro da Guabiroba.

Não tinha como identificar os dias da semana, os sábados e domingos, pois todos os dias e noites eram dias de chuva, de trabalhar, receber pessoas, fazer listas de desabrigados e desalojados, lista de doações, de preencher e enviar documentos, acompanhar lives do governo estadual, da SEDES, do Ministério das Cidades, da Secretaria da Habitação, elaborar Planos de Trabalho, preencher

formulários para o Volta por Cima, Pix SOS, Auxílio Reconstrução, S2ID, Aluguel Social e afins. Como não havia energia, o jeito era juntar pessoas com seus *notebooks* em uma sala com energia fornecida por um gerador, a qual ficava cheia de pessoas e cabos espalhados por toda parte. Além disso, era necessário acompanhar as famílias que ficaram em suas casas, mas que não tinham água, alimentação para seus familiares e para seus animais, nem acesso aos medicamentos, combustível para os geradores e não conseguiam sair de lá devido à tanta lama que os rodeava. As equipes das secretarias não tinham horário para trabalhar e muitas vezes não paravam sequer para almoçar, mesmo assim, precisavam colocar um sorriso no rosto para poder continuar. Todas as pessoas precisavam de ajuda, inclusive os trabalhadores, pois todos, de alguma forma ou outra, estavam sofrendo. A empatia deveria prevalecer!

Mais de 80 pontos de deslizamentos foram registrados no município, e a Secretaria de Obras atuou incansavelmente para liberar caminhos, muitas vezes recorrendo à detonação de rochas. A Secretaria de Saúde, por sua vez, cuidava dos doentes, dos feridos e dos emocionalmente abalados. Já a Secretaria de Assistência Social se tornou um elo entre o poder público, as comunidades e os voluntários, coordenando ações emergenciais com o apoio da Defesa Civil e da EMATER.

Os prejuízos foram imensuráveis. O turismo local, que vinha em expansão, teve suas atividades completamente interrompidas, inclusive com o cancelamento do tra-



Latitude: -29.098835
Longitude: -51.933157
Altitude: 225.37±16 m
Precisão: 11.4 m
Tempo: 03-05-2024 10:48
Nota: Linha Zeferino

Powered by NoteCam

dicional Filó. Locais turísticos foram destruídos e áreas antes valorizadas tornaram-se zonas de risco. Empresas fecharam temporariamente, muitas sem acesso, energia ou combustível. E mesmo diante desse cenário desolador, o espírito de reconstrução começou a brotar, mostrando que, apesar de tudo, a vontade de seguir em frente continuava viva.

De acordo com levantamento da Assistência Social e Defesa Civil, o impacto atingiu toda a população de 1.888 habitantes, tanto da área urbana quanto rural, de forma direta ou indireta.

Apesar da abrangência geral, as famílias em situação de vulnerabilidade social foram as mais afetadas, por não possuírem recursos para enfrentar a situação e por dependerem, exclusivamente, do apoio da rede pública para o suprimento de suas necessidades básicas.

ENCONTROS, AFETOS E CUIDADO

RELATOS DAS EQUIPES DO SUAS NO VALE DO TAQUARI/RS

Os dados confirmam a gravidade:

- 80 pessoas desabrigadas e/ou desalojadas, que precisaram deixar suas casas às pressas;
- 56 pessoas permaneceram em suas residências, mesmo com risco iminente de deslizamentos e isolamento por falta de acesso;
- 09 casas foram destruídas ou condenadas;
- Grande número de residências sofreu danos internos e estruturais, incluindo entrada de água, perda de móveis, eletrodomésticos, mantimentos, roupas e itens de higiene.

Foram mapeados mais de 80 pontos de deslizamentos ocorridos no município, sendo que alguns deixaram um rastro de destruição que transformou a paisagem dos locais. Foram necessárias diversas detonações de rochas que ficaram expostas nas encostas que impediam a reconstrução das estradas somente com maquinários.

Após os acessos liberados foram realizados encontros nas comunidades com o grupo “CRAS e EMATER nas comunidades” para ouvir, apoiar e acolher todos que, de uma forma ou outra, foram atingidos pelas cheias.

O trabalho das equipes envolvidas foi essencial para garantir o mínimo de dignidade à população porque, mesmo em meio aos dias mais cinzentos, a solidariedade foi capaz de acender pequenas luzes de esperança.

Referência

Doutor Ricardo (RS). Prefeitura. Secretaria da Cultura, Turismo e Esporte. 2023 e 2024: Anos de benzer temporal. 1. ed. Doutor Ricardo/RS: Ed. Dos Autores, 2024.

ENCANTADO

**Vivências e aprendizados
em meio ao caos das águas**

Márcia Maria de Almeida

Assistente Social

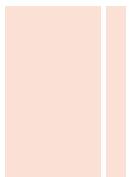
Bianca Luzzi Fiorentin

Psicóloga



Meu nome é **BIANCA LUZZI FIORENTIN**, sou psicóloga do município de Encantado/RS desde 2019 e esse relato é potente, real e profundamente humano. Ele carrega a dor, o choque e o esgotamento de quem viveu algo que não deveria ser vivido por ninguém — duas vezes. A repetição da tragédia torna tudo ainda mais absurdo, mais difícil de digerir. É como se o chão fosse arrancado mais uma vez, justo quando começava a haver esperança de reconstrução. Aqui a gente descreve a escalada da tragédia, a expectativa de algo “comum” que se transforma em uma catástrofe, a intensidade do trabalho da equipe do CRAS, o peso emocional e físico... tudo isso revela o quanto vivemos algo gigantesco e humanamente difícil de suportar.

Chovia muito na semana do dia 1º de setembro de 2023. Mas não era uma chuva normal, daquelas que a gente estava acostumada a ver. Era água demais. A cada hora, o volume aumentava e com ele, a nossa angústia. Na segunda-feira, dia 04/09/2023, o alerta de enchente já fazia parte da nossa rotina e, principalmente, do nosso trabalho. A manhã seguia normalmente, até que, por volta das 14h, veio a ligação que mudou tudo: *Se preparem equipe, as primeiras famílias vão ser retiradas.*



Lá vamos nós, pensamos. Vamos encarar mais uma enchente. Eu já trabalhava no CRAS quando enfrentamos a enchente de 08/07/2020, em plena pandemia.

Naquela época, a água subiu, algumas famílias foram retiradas, passaram alguns dias fora e depois voltaram para casa. Foi difícil, mas controlável. Imaginávamos que agora seria algo parecido. Mais uma enchente “comum”, dessas em que acolhemos, a água baixou, limpou e reconstruiu.

Mas não foi. Nada foi como antes.

Naquele 04 de setembro, vimos nossas vidas e as vidas de tantas famílias virarem de cabeça para baixo. A enchente não foi apenas uma enchente. Foi uma catástrofe. Ela invadiu bairros onde jamais se imaginava que a água pudesse chegar. Destruiu casas, arrastou sonhos, apagou vidas.

O Parque João Batista Marquesse virou o nosso lar. Ali ficamos por exaustivos 40 dias. Dias e noites viradas, mal dormidas, mal alimentadas. A única certeza que tínhamos era: precisamos continuar. Não existia sábado, domingo ou feriado. Família e amigos? Só tempo depois é que conseguimos nos reencontrar. A cidade entrou em estado de calamidade. O parque estava lotado. Famílias inteiras desesperadas, sem rumo, sem saber se ainda tinham um lar. Muitas não tinham mais nada. Nós nos acolhemos com tudo o que podíamos e muitas vezes, também fomos acolhidas. Porque a exaustão batia forte. O cansaço físico e emocional já gritava. Mas não podíamos parar.

Na terça-feira, dia 5, vivi uma experiência que jamais imaginei passar na vida. Eu e minha colega assistente social, Grasiela, fomos ajudar no bairro Porto XV, onde os bombeiros resgataram famílias ilhadas pela enchente. Eles traziam as pessoas em barcos, e nós as colocamos nas ambulâncias para levá-las ao hospital, acompanhando.

das pela equipe de saúde. Ali ouvimos relatos que jamais vou esquecer: pessoas queimadas, que ficaram agarradas nos postes de luz por mais de 15 horas; crianças desesperadas; famílias que passaram horas e horas em cima dos telhados, tentando sobreviver. Foi uma experiência impactante e dolorosa.

As doações chegavam de todos os cantos — voluntários, Exército, cidadãos de diversas regiões — mostrando o quanto o povo gaúcho e brasileiro é acolhedor e solidário em momentos de crise. A vida continuava, assim como nosso trabalho incansável.

Após 40 dias no parque, voltamos a atuar no CRAS para iniciar o cadastro das famílias afetadas, visando à concessão dos auxílios governamentais. O expediente era pesado: das 7h às 19h, atendemos mais de 400 pessoas por dia.

Quando a situação começou a se normalizar, no dia 18 de novembro de 2023, fomos surpreendidos por mais uma enchente, de menor proporção, mas que exigiu esforço redobrado e acolhimento imediato das famílias. As famílias que perderam suas casas permaneceram no abrigo do parque por um longo período, sendo assistidas pela saúde e pela assistência social.

Os meses se passaram desde as enchentes de setembro e novembro de 2023, e a cidade começou a voltar à normalidade. As famílias retornaram para suas casas, o município ofereceu o apoio que pôde, e o trabalho da assistência social seguia, aos poucos, reencontrando seu ritmo.

Era abril de 2024. Ainda tínhamos duas ou três famílias abrigadas no parque. A previsão era de que, na pri-

meira semana de maio, todas estariam em seus novos lares. A sensação era de encerramento de um ciclo difícil, porém a chuva voltou. E não parava. Chovia, chovia, chovia. Aquilo não era normal. A angústia crescia a cada gota. E então, no dia 29 de abril, pouco depois do meio-dia, o telefone tocou. Era a ligação que todos temíamos: *Atenção, equipe do CRAS: todos no parque. As primeiras famílias vão ser retiradas.*

O desespero tomou conta. Entreolháva-nos incrédulos, com a sensação clara: Não é possível que isso esteja acontecendo novamente. Mas mal sabíamos o que ainda estava por vir. Em setembro de 2023, eu tinha dito: “*Nunca mais vamos passar por aquilo que passamos.*” Mas em 2024, vivemos uma das piores experiências de nossas vidas.

O município de Encantado estava devastado. Não havia comunicação, não havia luz, não havia água, não havia nada. Centenas de famílias desabrigadas e desalojadas. Casas arrastadas pelas águas ou completamente destruídas. As pontes do município já não existiam mais. Encantado parecia um cenário de filme de terror. Um campo de guerra. Caminhões do Exército, Polícia, BOPE, camburões. Helicópteros sobrevoando, resgatando pessoas e trazendo alimentos. O caos era total.

Na prefeitura, mais uma vez, foi instaurado o gabinete de crise. Nossa prefeitura já não era mais nossa — ali circulavam inúmeras pessoas desconhecidas, equipes de resgates, equipes de policiais, equipes do governo federal e estadual. O prédio foi tomado pela urgência.

Todos os dias, no auditório da prefeitura, as equipes de funcionários se reuniram para receber as informações do dia, saber o que fazer, por onde começar. Eram mo-

mentos de extrema tensão, porque nós tínhamos acesso a informações que mais ninguém tinha. E muitas delas eram difíceis de acreditar.

A notícia de que a ponte entre Arroio do Meio e Lajeado havia sido levada pelas águas parecia coisa de filme. Deslizamentos, casas arrastadas, pessoas soterradas... estávamos isolados. Sem acesso por terra, só restava o helicóptero. Ao lado do hospital, um caminhão frigorífico servia de câmara fria para armazenar corpos. Era surreal. A sensação era de fim do mundo.

A angústia de não ter notícias, de não conseguir se comunicar com familiares e amigos, de não saber se estavam vivos, seguros, se haviam sido atingidos... era desesperador. Vivemos dias exaustivos, de trabalho constante, medo, incertezas, lágrimas contidas. A vida como conhecíamos foi interrompida. E seguimos, mesmo sem saber como. Pouca gente entende o que acontece nos bastidores do acolhimento em desastres assim. A escrita pode ser uma forma de mudar isso. O relato transmite uma imensa carga emocional, e mostra o quanto o trabalho da assistência social é fundamental em momentos tão difíceis, mas também o quanto a resiliência humana pode ser incrível diante do caos.

Sou **MÁRCIA MARIA DE ALMEIDA**, Assistente Social do município de Encantado/RS. Este relato pessoal e profissional reflete as vivências que marcaram nossa região durante as catástrofes de 2023 e 2024.

Cheguei ao município em outubro de 2023, um mês após a grande tragédia que assolou nossa comunidade. Iniciei minha trajetória profissional no meio do furacão,

sem a experiência prática necessária, e muito menos em situações de calamidade. Isso tornou minha chegada ainda mais desafiadora.

O impacto foi profundo: precisei me unir aos colegas já atuantes, observando e aprendendo, enquanto colocava em prática um trabalho emergencial voltado para o acolhimento e a orientação de famílias que enfrentavam uma ruptura total em suas vidas.

No primeiro mês, cada dia era carregado de incertezas e dores, ao mesmo tempo em que havia a necessidade urgente de oferecer respostas rápidas e eficazes. Esse período representou um aprendizado intenso, marcado pela convivência com pessoas que haviam perdido não apenas seus lares, mas também a segurança emocional.

Em novembro de 2023, uma nova enchente atingiu o município. Embora não estivesse presente no dia da tragédia, cheguei no dia seguinte e senti a impotência por não ter conseguido estar lá para ajudar imediatamente. No entanto, compreendi que o trabalho de escuta, orientação e encaminhamento ainda era essencial, mesmo após o desastre.

Recordo-me da quantidade de famílias em busca de aluguel social, mães angustiadas, idosos sem documentos, além de crianças que não conseguiam entender a dimensão do que estavam vivenciando. Minha atuação nesse período esteve fortemente marcada pela escuta qualificada e pelo acolhimento sensível.

Em maio de 2024, enfrentamos outra enchente de grandes proporções. Novamente, não consegui estar no município durante o auge da crise, pois resido em uma

cidade vizinha e os acessos estavam bloqueados por alagamentos e deslizamentos. Essa impossibilidade de estar junto à equipe gerou uma grande angústia, uma vez que as demandas se multiplicavam a cada hora. Assim que consegui chegar, vivi a dura realidade de percorrer caminhos incertos para chegar ao trabalho e retornar para casa.

Durante esse período, acolhi em minha casa oito pessoas desabrigadas do município em que resido. Assim, além dos desafios profissionais, também enfrentei os impactos pessoais de conviver com famílias desabrigadas sob meu próprio teto.

Esse acúmulo de papéis, tanto profissional quanto pessoal, trouxe um esgotamento emocional profundo, ao mesmo tempo que fortaleceu meu entendimento sobre como a solidariedade e o acolhimento podem ser transformadores.

Hoje, nossa equipe ainda convive com os desdobramentos dessas catástrofes. Muitas famílias permanecem em casas temporárias, enfrentando novos desafios como a convivência forçada, situações de violência, uso de drogas, envolvimento com facções criminosas e até homicídios.

Essa realidade demanda de nós, profissionais da assistência social, um esforço diário para manter a serenidade, oferecer acolhimento e buscar alternativas junto às políticas públicas.

Confesso que cada jornada de trabalho termina com um profundo respirar, a sensação de ter vencido mais um dia em meio a tantas dificuldades. Ao refletir sobre

essa trajetória, percebo que minha atuação sempre foi sustentada pelo acolhimento humano e pela escuta qualificada.

Cada família que atendi deixou marcas indeléveis na minha caminhada profissional. Essas experiências, mesmo em sua dor, transformaram minha prática profissional e moldaram minha visão de vida.

Aprendi que ser assistente social em tempos de catástrofe é muito mais do que seguir protocolos; trata-se de estar presente, sentir com os outros e construir caminhos possíveis, mesmo quando tudo parece ruir.

Finalizo este relato reconhecendo que as marcas emocionais e sociais das catástrofes de 2023 e 2024 ainda estão vivas em nosso município e em nossa equipe. Para mim, cada dia é um exercício de resiliência e reafirmação do compromisso ético com a profissão. Acima de tudo, é a certeza de que, mesmo em meio ao caos, é possível semear esperança.

ESTRELA

**Entre o caos e o cuidado: relato de
experiência de profissionais do SUAS**

Janaína Moreira Notargiacomo

Assistente Social

Bruna Luiza Schroeder Horn

Psicóloga



Quando a enchente atingiu o município de Estrela, imaginávamos que nossa atuação seguiria a lógica das situações anteriores às marcantes enchentes de setembro e novembro de 2023: a organização de um único alojamento provisório, com a equipe organizada através de escala, possibilitando a manutenção dos atendimentos das equipes da Proteção Social Básica (CRAS) e Especial (CREAS). Essa expectativa se mostrou rapidamente distante da realidade. À medida que as águas avançavam, novos abrigos precisaram ser abertos em diferentes pontos do município. Além disso, foi necessária a transferência das famílias já alojadas no ginásio municipal para outro local, pois aquele, que nunca fora atingido, agora estava invadido pela cheia.

A equipe se dividiu entre os alojamentos abertos, de acordo com as possibilidades individuais de mobilidade, visto que num primeiro momento havia pontos ilhados dentro do município, inclusive o centro. Isso nos levou a uma configuração de trabalho inédita, marcada pela necessidade de reorganização constante e pela adaptação a novas rotinas e formas de convivência.

Estar separadas de colegas com quem já havia uma convivência e um modo de trabalhar consolidado trouxe, por si só, um desafio. A ausência de comunicação imediata entre os espaços reforçou essa dificuldade: cada abrigo precisou desenvolver estratégias próprias de condução, contando com o apoio das famílias e a mobilização das comunidades do entorno. Assim, foi inevitável que

surgissem diferenças entre os modos de organização, e cada local assumiu uma identidade particular.

Nos momentos iniciais chegamos a ter oito espaços de alojamento de famílias. Após a água baixar, mantiveram-se seis abrigos funcionais, demandando equipe e estratégias específicas para a gestão dos espaços.

O alojamento de maior escala era no “Cristo Rei”, onde foram alojadas as pessoas que evacuaram o ginásio municipal e outras que foram acolhidas com o avançar das águas. Neste caso, a dimensão foi um fator importante. Com centenas de pessoas reunidas em um mesmo espaço, a complexidade do trabalho aumentava consideravelmente. A convivência em massa, somada às angústias próprias de quem havia perdido sua casa ou estava longe de familiares, exigia respostas rápidas, capacidade de organização e um olhar atento para o coletivo. O desafio estava em garantir a ordem, assegurar a proteção e, ao mesmo tempo, acolher demandas individuais que surgiam em meio ao volume de acontecimentos diários.

O alojamento da Linha São José, durante a cheia, ficou ilhado, sem acesso, comunicação e sem possibilidade de envio de suprimentos. A comunidade precisou se mobilizar e a situação reforçou a autonomia das equipes que estavam no local, assim como a importância de criar soluções emergenciais a partir dos recursos disponíveis. O sentimento era de isolamento, mas também de resiliência e criatividade diante do imprevisto.

Houve abrigos menores que, por contarem com menos pessoas, permitiam uma aproximação mais direta da equipe com as famílias alojadas, o que não tornava o trabalho menos intenso.

Ali, a diversidade das histórias e perfis exigia sensibilidade e escuta. Foi necessário lidar com diferenças culturais, geracionais e de convivência, além de construir estratégias de integração e respeito mútuo.

Se, por um lado, a escala menor permitia uma aproximação mais direta entre equipe e usuários, por outro, trazia à tona situações delicadas que demandavam diálogo e mediação constantes.

Foram dias de trabalho intensos, com jornadas de trabalho de 12h, 14h, 16h, 20h e até 24h diárias. O trabalho de acolher e gerenciar as demandas nessa realidade se apresentou como um dos maiores desafios de nossas vidas. Além da exaustão física, a preocupação e a necessidade de acolher as próprias famílias que também foram atingidas, não há como mensurar o que significou trabalhar no SUAS naquele momento. Presenciar famílias aguardando notícias de seus membros, a emoção daqueles que se reencontravam e o desespero daqueles que perderam seus entes queridos; acompanhar o luto e o descaminho de referência daqueles que perderam suas casas; mediar conflitos pela reunião de pessoas de diferentes realidades e territórios; verificar o aumento de tensão decorrente da falta de privacidade e individualidade nos espaços coletivos. Uma infinidade de vivências e a eclosão de complexas expressões da questão social.

Conforme o tempo passava, observávamos um movimento gradual de reorganização das famílias. Algumas pessoas conseguiram retornar para suas residências, mesmo que de forma provisória ou em condições precárias; outras encontraram abrigo junto a familiares ou amigos; outras encontraram outras casas e algumas mu-

daram de município. Esse fluxo de saída impactou diretamente a dinâmica dos abrigos, que se desmobilizaram de maneira progressiva. O que antes era uma rede extensa de espaços espalhados pelo município foi se concentrando, até que restaram apenas poucos abrigos em funcionamento, o que possibilitou a retomada dos serviços numa reorganização gradual dos processos de trabalho. No momento final, quando entregues as casas provisórias cedidas pelo Estado do RS, houve o encerramento dos abrigos. Esse processo de fechamento não foi apenas logístico, mas também simbólico, marcando a transição de uma fase emergencial para outra, de reconstrução e retomada.

O que aprendemos, em meio a esse cenário, foi que cada abrigo representava um microcosmo com suas próprias particularidades, perfis e demandas. Não havia uma fórmula única de atuação; cada espaço exigia de nós um olhar flexível, capaz de se ajustar às condições concretas de cada grupo. A ausência de comunicação centralizada, as diferenças entre os abrigos e a própria instabilidade da situação nos levaram a desenvolver habilidades que, em circunstâncias anteriores, talvez não fossem tão requisitadas.

Como profissionais, saímos dessa experiência com a certeza de que o SUAS tem uma potência fundamental em contextos de desastre. Essa potência se revela não apenas pela capacidade de responder a emergências, mas sobretudo por sustentar o cuidado, a proteção e o acolhimento em meio ao caos. Aprendemos que o trabalho socioassistencial se faz tanto nas grandes decisões de organização coletiva quanto nos pequenos gestos de escuta e presença. Mais do que uma resposta imediata,

nossa atuação em Estrela mostrou que o cuidado é um processo contínuo, que se reinventa diante das adversidades.

A situação também reforçou a crescente necessidade de que todos os níveis de gestão pautem as emergências climáticas, possibilitando a construção de protocolos de resposta, planos de contingência eficazes e processos de organização e treinamento que evitem, em novas situações, a falta de comunicação, a exaustão da equipe e, principalmente, que garanta o atendimento da população atingida em condições dignas de acolhimento de todas as demandas que possam advir do evento.

Ao olhar para trás, reconhecemos que, embora a vivência de cada profissional que atuou, pessoa que foi atingida pela cheia ou até mesmo aquelas que não se envolveram diretamente, toda a população foi impactada por este desastre. Cada um, com suas demandas particularidades, precisaram fazer-se resistência em meio a um dos momentos mais desafiadores da história recente do município e do estado.

Foram tantas situações vividas, tantos encontros, despedidas e reorganizações, que a experiência parece ter durado muito mais tempo do que de fato durou. Cada dia trazia consigo novos desafios e exigia de nós uma presença constante.

No entanto, ao tentarmos resgatar lembranças específicas, por vezes temos a sensação de que tudo aconteceu em uma outra realidade, quase distante daquilo que vivemos cotidianamente. Essa dualidade entre a intensidade do momento e a distância que sentimos ao reme-

morar revela o quanto a experiência dos abrigos marcou profundamente nossas trajetórias pessoais e profissionais.

Sabemos que os reflexos ainda estão reverberando e se manifestando nas diferentes realidades. Relembrar e relatar esta situação não é uma tarefa fácil, especialmente em se tratando de representar o município. Houve falhas, houve caos, mas também houve entrega e dedicação para a realização do trabalho da melhor forma, nas condições que tínhamos.

Este relato foi construído por nós a partir das lembranças daquilo que vivemos e compartilhamos com as pessoas e profissionais que cruzaram nossos caminhos durante a emergência. A experiência de cada pessoa e profissional é singular e não há como ser generalizada num relato de poucas páginas.

Nossa expectativa é de que sigamos com a pauta da importância de planejar os processos de trabalho e qualificar a atuação do SUAS em situações como esta, possibilitando o atendimento de qualidade e o cuidado dos trabalhadores que atuam e fazem o Sistema acontecer.

IMIGRANTE

**Dante dos desastres:
a importância de um plano
de contingência estruturado**

Deise Maria Heberts

Assistente Social

Alice Lopes Moraes

Psicóloga



Vivenciar os desastres climáticos de 2023 e 2024 foi uma experiência profundamente marcante e desafiadora para nós, profissionais da rede socioassistencial. As intensas chuvas e enchentes que atingiram o município de Imigrante deixaram um cenário de destruição, sofrimento e incertezas que impactou não apenas a população, mas também a nossa atuação enquanto equipe técnica. Desde os primeiros momentos da tragédia, fomos atingidas por uma sensação angustiante de impotência. Muitas de nós residimos em municípios vizinhos e, com as estradas bloqueadas e os riscos de desmoronamento, não conseguimos acessar o território de forma imediata. Estávamos cientes da gravidade da situação e da urgência em oferecer apoio, mas fomos impedidas pelas circunstâncias adversas.

Além disso, enfrentávamos nossas próprias dificuldades pessoais: escolas fechadas, familiares também afetados, ausência de rede de apoio e a constante preocupação com o que encontrariam ao chegar. A impossibilidade de estar presente fisicamente nos locais mais atingidos agravou o sentimento de frustração.

Era doloroso acompanhar tudo à distância, sem saber ao certo a condição das famílias, dos colegas e dos usuários com quem mantemos vínculos contínuos. Esses eventos colocaram à prova não só nossa capacidade de atuação profissional, mas também nossa resistência emocional. Apesar das adversidades, seguimos firmes no compromisso com a proteção social e na reconstru-

ção dos laços comunitários, conscientes de que, mesmo diante da dor, nossa presença — ainda que tardia — poderia representar acolhimento, escuta e esperança.

Em um desses momentos críticos, recebemos o relato da secretária municipal, Jóice, informando que uma família havia sido resgatada por helicóptero e levada até o Parque do Imigrante, em Lajeado. Assim que teve sinal de telefone, ela contatou a assistente social e a psicóloga da equipe, que prontamente se deslocaram até o local com o objetivo de oferecer acolhimento. No entanto, ao chegar, soubermos que a família já havia sido encaminhada para a casa de parentes em outro município. Ainda que o atendimento direto não tenha ocorrido, essa tentativa nos mostrou o quanto estávamos todas comprometidas, mesmo diante de tantas incertezas.

Outro momento marcante foi quando recebemos a informação de que um idoso, atendido pelo CRAS e morador de uma área rural (Linha Rosenthal), estava desaparecido em uma zona de desmoronamento. Sabíamos que ele morava sozinho e em local de difícil acesso. Com os caminhos bloqueados, iniciamos uma busca utilizando ferramentas como Google Maps, registros de visitas anteriores e imagens de drones sobrevoando a área afetada. Foram dias de grande apreensão até que soubermos que o idoso havia conseguido sair a tempo e estava em segurança com um vizinho. Posteriormente, ele foi acolhido no abrigo municipal.

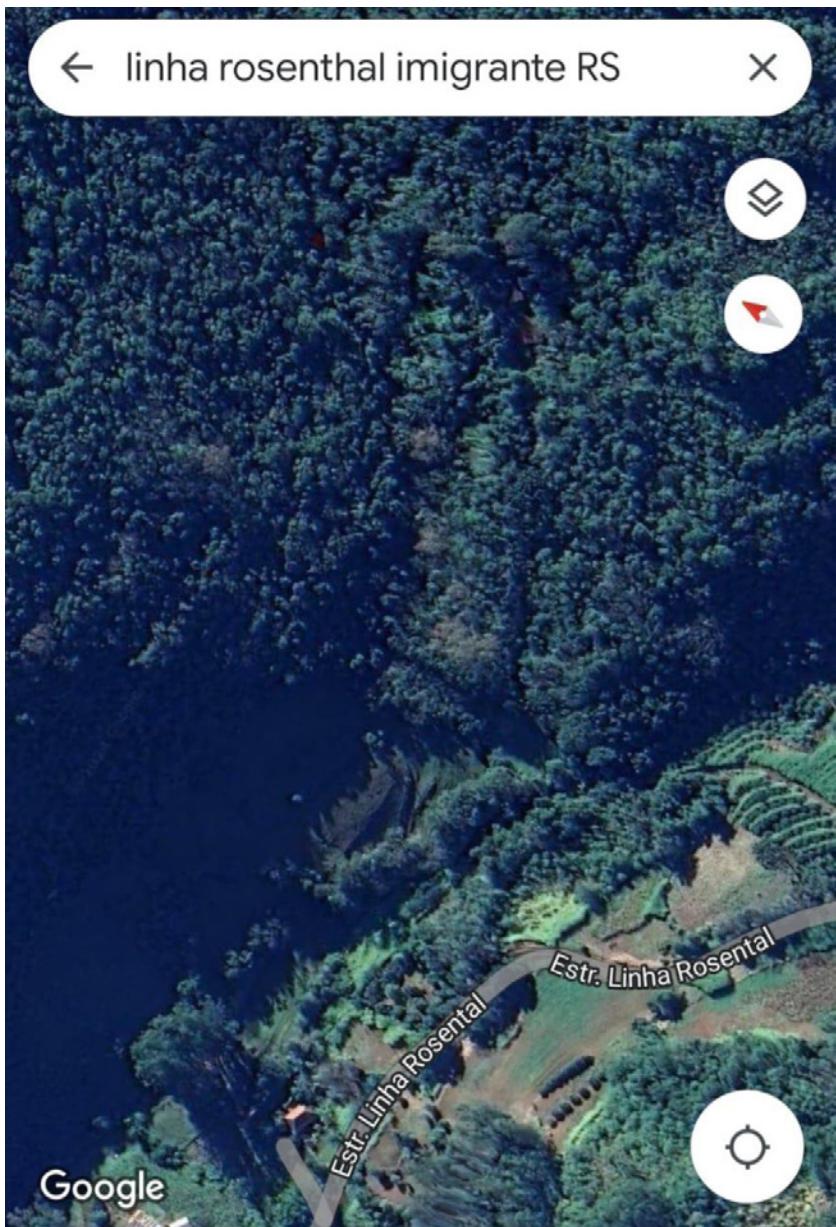
Essas experiências mostraram o quanto a tecnologia e o conhecimento prévio do território foram fundamentais para suprir, ao menos em parte, a ausência física.

Ainda assim, o sentimento de frustração persistia. Quem estava no município atuando *in loco* também compartilhava da mesma sensação de impotência: queríamos fazer mais, atender melhor, chegar mais rápido. Mas a falta de recursos básicos como energia elétrica, acesso seguro e comunicação tornaram tudo mais difícil.

Quando as vias foram liberadas e conseguimos finalmente acessar a cidade de Imigrante, nos deparamos com um cenário devastador. A cidade estava ferida. As famílias, desestruturadas emocional e materialmente. Iniciamos o trabalho emergencial, muitas vezes sem protocolos definidos, aprendendo na prática, tentando organizar o caos com o que tínhamos em mãos. O que nos guiava era o compromisso e a escuta sensível às necessidades da população.

Enquanto profissionais, fomos desafiadas em todas as nossas competências técnicas. Enquanto pessoas, precisamos ressignificar nossas próprias dores para poder acolher as dores dos outros. O apoio emocional, o atendimento humanizado e a escuta ativa foram essenciais naquele momento, mais até do que qualquer ação material.

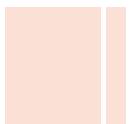
Em meio a tantas dificuldades, também presenciamos gestos de solidariedade que reacenderam nossa esperança. A Metalúrgica Hassmann se destacou ao demonstrar um forte compromisso social, doando móveis para famílias que haviam perdido tudo. Essa iniciativa foi fundamental para a reconstrução não apenas dos lares, mas também da dignidade dessas pessoas.



A empresa Simonaggio também contribuiu significativamente, doando 50 kits de utensílios que foram cuidadosamente organizados em diálogo com as sete agentes de saúde do município. A distribuição foi realizada pela equipe, priorizando as famílias mais atingidas, de forma sensível e estratégica, considerando a realidade de cada uma.

Além disso, recursos provenientes do Fundo da Defesa Civil foram utilizados para a aquisição de outros móveis e utensílios domésticos, ampliando o alcance do apoio prestado. Graças a essas ações, mais famílias puderam iniciar o processo de recomeço com mais segurança, acolhimento e dignidade.

Essas parcerias entre o setor público, o privado e a comunidade local foram fundamentais para uma resposta mais ágil e eficaz. Agricultores que abriram acessos com seus tratores, por exemplo, desempenharam um papel crucial ao facilitar o trânsito em áreas bloqueadas, garantindo que a ajuda chegasse onde era mais necessária.

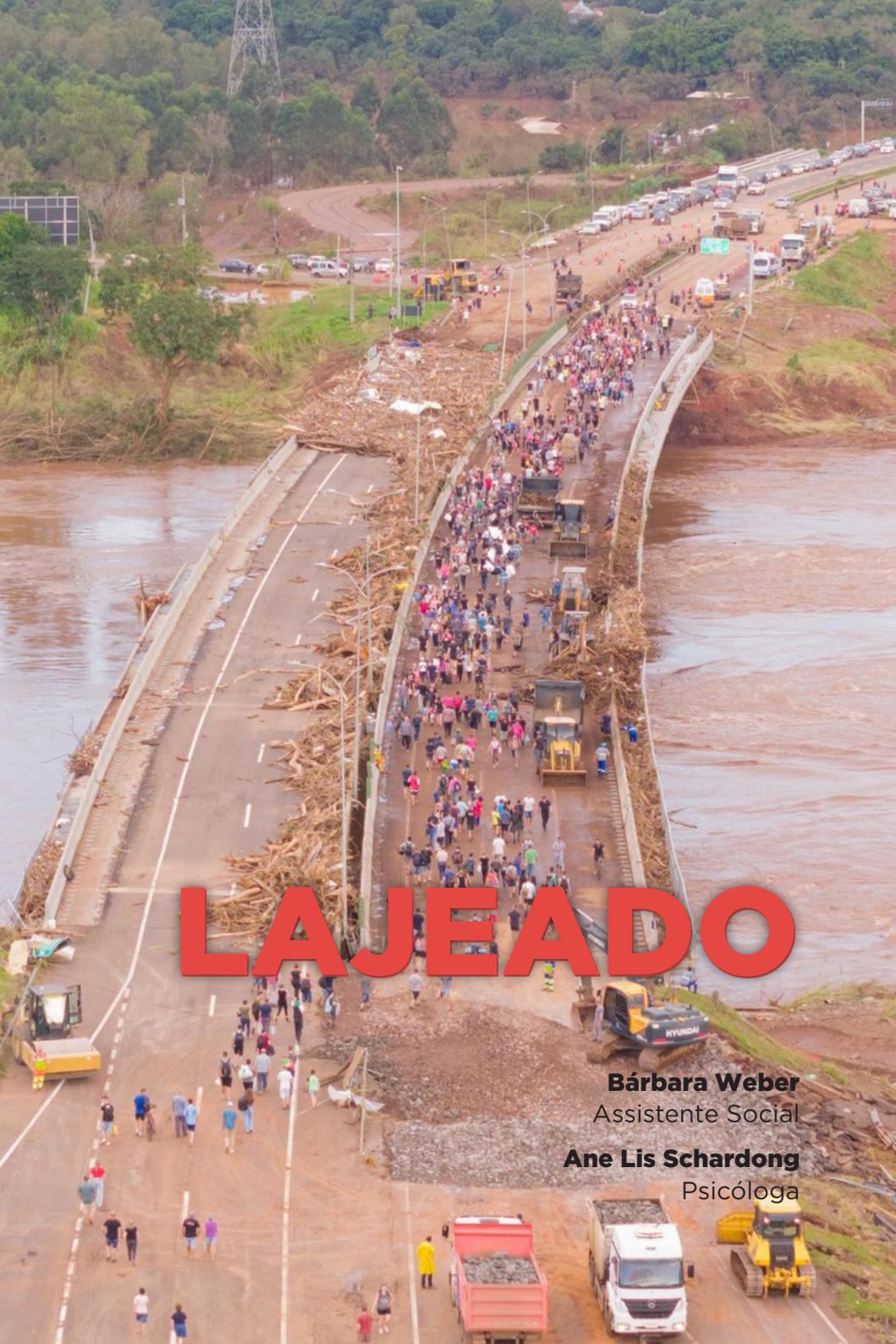


Essas ações coletivas demonstraram que, mesmo diante da tragédia, a força solidária é capaz de transformar realidades.

A enchente de 2024 ficará marcada em nossa memória não apenas pela destruição que provocou, mas também pela mobilização que inspirou. Foi um momento de intensa dor, mas também de união e superação. Aprendemos, mais uma vez, que a atuação em rede — com empatia, responsabilidade e cooperação — é essencial para enfrentar os impactos dos eventos climáticos extremos e reconstruir, juntos, caminhos de dignidade, proteção e esperança.

Agora, olhando para trás, sentimos que esse período nos transformou. Ficou evidente para nossa equipe a necessidade urgente de investir em planos de contingência estruturados, protocolos de atuação em emergências, e em meios alternativos de comunicação e mobilidade. Precisamos estar mais preparadas para lidar com os eventos extremos que, infelizmente, tendem a se tornar cada vez mais frequentes.

Mais do que relatos de uma tragédia, estas vivências são registros de resistência, de aprendizado e de comprometimento. Continuamos acreditando que é possível melhorar nossas práticas, fortalecer nossas redes e construir, juntos, uma resposta mais humana e eficiente frente às adversidades.



LAJEADO

Bárbara Weber
Assistente Social

Ane Lis Schardong
Psicóloga

Lajeado, assim com a grande maioria dos municípios deste vale que é do Taquari e de seus afluentes, circunstancialmente incorporaram/naturalizaram no seu escopo de trabalho aquelas a que tradicionalmente chamávamos, enchentes. Sazonalmente, eram previsíveis suas ocorrências, assim como as “estratégias” de trabalho, a estrutura, as escalas e as decorrências após o retorno à normalidade. Foi nos marcos da calamidade de setembro de 2023, que um novo contexto institucional, técnico, político e cultural se estabelece provocando, pela dor¹, a pauta de emergências e calamidades. A semântica sobre o tema se amplia e o desastre refaz os contornos da naturalização/banalização das situações “anormais”. Ingressam no circuito des(abrigados), des(alojados) e des(aparecidos) e os recursos intelectuais e práticos de profissionais do eixo social, assistentes sociais, psicólogos, orientadores, professores, como todos as demais categorias de trabalhadores da Defesa Civil, Segurança Pública etc colapsa em alcance e domínio técnico.

A finitude da vida, as perdas integrais materiais, animais e humanas e o fragilidade da capacidade de resposta mobilizou em novembro de 2023 aquilo que consensuamos ter sido uma grande catarse²: um encontro

1 A metáfora traz a provocação de que o tema “pelo amor” já deveria compor tensionamentos locais dada a agenda geopolítica das mudanças climáticas e, no caso brasileiro, impulsionado pela Política Nacional sobre Mudança do Clima - PNMC de 2009.

2 O resumo daquele encontro pode ser visto no documento.

por eixos temáticos estratégicos de trabalho em calamidades e emergências em Lajeado, conferindo antes de tudo, um momento de mútuo acolhimento³ e como dispositivo de avaliação e ampliação do debate para o aprimoramento do trabalho em situações de calamidades e emergências. Desde então, uma série de pequenos mas significativos avanços foram registrados como a definição consensuada de instrumento de trabalho em abrigos temporários, chancela de gestores quanto às competências por secretarias, fluxos integrados de comunicação entre Defesa Civil de Secretaria de Desenvolvimento Social, parceirização com a ONG Parceiros Voluntários, qualificação e definições conceituais do que foram/serão centros de coleta e distribuição, aprimoramento logístico e constituição de Grupo de Trabalho para Calamidades e Emergências com o propósito de manutenção da pauta institucional constante no interior da SMDS.

A Defesa Civil de Lajeado tem procurado sistematicamente reunir moradores das áreas mais afetadas pela constituição de NUPDEC's - Núcleos Comunitários de de Defesa Civil com a parceria dos Centros de Referência de Assistência Social, pontos focais para os bairros atingidos.

É possível depreender que apesar dos avanços, ainda restam latentes aprimoramentos em matéria de prevenção a exemplo da consolidação dos referenciais locais em NUPDECs, ampliação dos nexos intersetoriais e a conclusão escrita do Plano de Contingência da Assistência Social.

³ Seis profissionais da Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social estiveram dentre os diretamente atingidos.

MARQUES DE SOUZA

Entre águas e resistências

Luise Bonato

Assistente Social

Betina Kasper

Psicóloga



Em maio de 2024, o município de Marques de Souza viveu um dos momentos mais difíceis de sua história recente. A natureza, em sua força incontida, trouxe a marca de uma tragédia que ficará eternamente registrada na memória coletiva: a elevação repentina dos rios, as chuvas intensas e os deslizamentos que transformaram o cotidiano em um cenário de incerteza e dor.

Tudo começou em uma terça-feira, 30 de abril, logo nas primeiras horas da manhã. O céu anunciava instabilidade, e os boletins meteorológicos alertavam para a possibilidade de chuvas volumosas em curto espaço de tempo. A lembrança das enchentes que haviam assolado a região no ano anterior, embora devastadoras em municípios vizinhos, não havia alcançado Marques de Souza, por estar banhado por outro rio. Esse histórico fez com que muitos moradores, mesmo diante dos avisos, se mantivessem incrédulos quanto à real gravidade do que estava por vir.

O Rio Forqueta, em sua imponência, não tardou a deixar o leito. Suas águas avançaram sobre ruas da zona urbana e lavouras que margeiam suas curvas, arrastando consigo tudo o que encontrava nas proximidades. Foi um primeiro movimento assustador, mas de curta duração, pois o nível baixou logo em seguida. Esse recuo trouxe, por um breve instante, um sentimento enganoso de alívio, levando parte da população a acreditar que o pior já havia passado. Muitos não retiraram seus pertences, e

aqueles que já haviam sido atingidos limitavam-se a contabilizar os estragos.

No entanto, a madrugada do dia 1º de maio trouxe consigo um silêncio quebrado apenas pelo som crescente das águas. O rio voltou a subir, desta vez de forma avassaladora, em uma intensidade jamais vista pela população local. Em poucas horas, a força da enchente revelou sua verdadeira face, impondo às famílias o desespero e a sensação de completa impotência diante da grandeza natural.

Além das elevações dos rios, o território foi atingido por inúmeros movimentos de massa, que causaram impactos ainda mais devastadores do que a água. A potência dos deslizamentos revelou-se arrasadora: casas, pessoas e objetos foram levados em um cenário de destruição que parecia inimaginável. Na pequena comunidade de Tamanduá, fortemente atingida por esses desmoronamentos, a população se viu completamente impotente frente à fúria da natureza. As cenas eram quase inacreditáveis — lares soterrados, casas submersas e um rastro de perdas que marcou profundamente a todos que ali viviam.

Entre os relatos mais marcantes, está o de um ônibus com 22 adolescentes e três adultos que retornavam





de um jogo de futsal sub-17. Ao transitarem pela BR386, conseguiram escapar de um primeiro deslizamento, mas logo em seguida foram surpreendidos por novos desmoronamentos, um à frente e outro atrás, ficando bloqueados sem possibilidade de avançar ou retroceder. A comunicação com familiares e socorro foi interrompida, obrigando-os a permanecer por um longo período dentro do veículo, sob o temor constante de um novo deslizamento. O resgate ocorreu apenas durante a madrugada, quando o Exército conseguiu abrir caminho e conduzir todos até um abrigo organizado pelo SUAS.

No abrigo, os jovens permaneceram por um dia e uma noite, em meio a inúmeras dificuldades. Não havia luz, os telefones não funcionavam e, por isso, não conseguiam avisar seus familiares de que estavam em segurança. A falta de água potável no primeiro dia aumentavam a angústia, mas o alívio de estarem vivos era maior que as privações. O reencontro com as famílias ocorreu somente após a Prefeitura organizar o transporte de retorno, trazendo tranquilidade aos pais e responsáveis. O ônibus utilizado, entretanto, não conseguiu regressar, sendo posteriormente submerso e perdido.

Outro episódio de grande impacto envolveu uma família composta por uma pessoa idosa cadeirante, uma mãe e duas crianças, sendo uma delas de colo. Viviam em uma área de difícil acesso, cercada por deslizamentos e sob risco iminente de novos desmoronamentos. O caminhão do Exército conseguiu chegar apenas até as proximidades, e os soldados precisaram prosseguir a pé, enfrentando lama e atolamentos. Para alcançar a residência, foi necessário cortar uma árvore e improvisar uma passagem sobre o rio. Diante da impossibilidade de transpor-

tar a cadeira de rodas, o idoso foi colocado em uma trouxa de tecidos, carregado com imenso risco por parte da equipe. A mãe, por sua vez, improvisou também uma trouxa amarrada ao corpo para proteger o bebê durante a travessia. A cena, de intensa dramaticidade, revelou a força e a coragem de todos os envolvidos. Apesar do risco iminente, a família conseguiu ser conduzida a um local seguro, longe da ameaça da morte.

A cada relato, a cada olhar perdido entre lembranças e ruínas, é possível perceber que a tragédia de maio de 2024 não foi apenas material. Ela atingiu também o íntimo de cada morador, deixando cicatrizes emocionais que exigirão tempo, cuidado e esperança para serem amenizadas. Foi um episódio que uniu a dor ao mesmo tempo em que fortaleceu laços de solidariedade, mostrando que, mesmo diante da adversidade, a força de uma comunidade se revela na união e na capacidade de recomeçar.





MUÇUM

**Relato situação de emergência
e desastre equipe SUAS**

Rafaela Dalmolin Picoli
Assistente Social

Letícia Zanatta Bonni
Psicóloga

Fazer um relato de algo que marcou durante os eventos climáticos vivenciados no município de Muçum, torna-se um desafio diante das sucessivas experiências. É impossível olhar para nossa linha do tempo e não recordar de momentos em que tivemos que ser o porto seguro da população, ainda que nós mesmos não sabíamos qual rumo exato tomar. Ao sentar, recordar e redigir, nos damos conta que retornar apenas um episódio seria injusto com as tantas vivências que tivemos, e assim, resolvemos fazer uma pequena linha do tempo com cenas que nos constituíram enquanto trabalhadoras da política do SUAS diante de situações de emergência e desastres no município.

Nosso primeiro evento climático ocorreu em 26 de agosto de 2023, onde uma chuva intensa de granizo afetou inúmeras residências. Aquele momento, cobrou da equipe do CRAS uma ação rápida, que em conjunto da Secretaria Municipal de Obras, entregou lonas para cobertura das casas. No dia seguinte, mesmo com o prédio do CRAS parcialmente afetado pelo episódio, recebemos uma equipe da Defesa Civil do Estado, que visitou o município trazendo cestas básicas, colchões, cobertores e agasalhos, que foram prontamente entregues à população. Que nas semanas seguintes, recebeu folhas de brasilit⁴ e novas remessas de cestas básicas.

4 Um tipo de telha.

Em 04 de setembro de 2023 fomos atingidos pelo segundo evento climático, e desta vez, sem precedentes. Enquanto as ruas de Muçum eram alagadas pela força das águas, a equipe da Assistência Social coordenou a instalação de abrigos temporários em diversos pontos do município, auxiliando também na retirada de pessoas e famílias de suas casas. Infelizmente, fomos surpreendidas com a elevação rápida e sem parada das águas, que afetou alguns abrigos abertos. Após estes momentos, a gestão dos abrigos foi assumida pela Assistente Social do SUS, a pedido da administração municipal.

Pontos de arrecadação e entrega de donativos foram instalados por toda a cidade, sendo alguns administrados por voluntários e outros pela equipe municipal. Infelizmente, os pontos que foram administrados por voluntários, houve uma problemática muito grande, pois havia entrega de donativos a pessoas não atingidas ou repetidamente as mesmas pessoas faziam retirada de itens. Por não conhecer a população e tão pouco o processo correto de doações realizadas dentro do SUAS, os voluntários realizavam entregas sem qualquer gerência, registro ou contabilidade de itens doados. Atingindo em pouco tempo um ponto alto de hostilidade, quando os mesmos apresentavam resistência quanto ao município assumir esses pontos, com ameaças aos funcionários públicos inclusive. Diante disso, o centro de distribuição oficial da Prefeitura Municipal passou a funcionar no Bairro Jardim Cidade Alta, junto ao abrigo municipal, coordenado pelo CRAS com participação de pessoas que ali estavam abrigadas. Também precisamos falar da problemática de quando esses voluntários se retiraram da cidade, deixando diversos locais lotados de roupas, nos

quais não tínhamos mão de obra suficiente para organizar esses espaços e na enchente de novembro acabamos perdendo várias peças, gerando polêmicas e desgastes com a população.

Da mesma forma, precisamos recordar que naquele momento, a equipe do CRAS ficou responsável pelo cadastramento das famílias atingidas. E dentre as dificuldades enfrentadas para realizar tal ação diante de um cenário de calamidade, destacou-se a atuação de voluntários que realizaram cadastros paralelos, confundindo a população.

Além disso, informações desencontradas repassadas por representantes da secretaria estadual geraram expectativas indevidas quanto ao recebimento de benefícios, que é destinado exclusivamente à inscritos no Cadastro Único. Naquele momento, diante do cenário de calamidade pública que se estenderia no município, em meio a destruição, houve também perdas de vidas, que foram administradas e acompanhadas pela Assistente Social do CRAS.

Por fim, maio de 2024 chegou com novas chuvas densas e alertas de nova enchente severa em nosso município. Desta vez, com antecipação, todas as famílias em áreas de alagamento foram acionadas e removidas até abrigos temporários, abertos pela equipe do SUAS, que novamente foi afastada da função de gerência pela administração municipal, que repassou a função à Assistente Social do SUS (que não estava presente no município no momento de acolhimento e acomodação das famílias em abrigos), sendo reconduzido o gerenciamento dos abrigos ao SUAS, com o passar do tempo e o surgimento das demandas de sofrimento mental. Novamente, o cen-

tro de distribuição de alimentos, higiene, limpeza e demais itens para suprir as necessidades básicas do momento ficou sob responsabilidade da equipe do SUAS, sem contar com apoio ou auxílio na gerência do Coordenador da Defesa Civil. Em conjunto da gerência de tal espaço, veio a necessidade de realizar novo processo de cadastramento da população para acesso de benefícios sociais. Desta vez, a equipe contou com a ajuda e força de trabalho das Agentes Comunitárias de Saúde, e apoio do Exército, com funcionamento de segunda-feira a segunda-feira, das 8h às 18h30, com entrega e recebimento de doações a qualquer horário, buscando dar conta das demandas de vulnerabilidade da população.

Apesar de contar com o auxílio do Exército e de alguns soldados do Corpo de Bombeiros, em determinados horários, a força de trabalho deste espaço era composta predominantemente por mulheres, que realizavam o descarregamento sozinhas de cargas pesadas de caminhões de doações.

Somado ao trabalho incessante e a não existência de rodízio de equipes para folgas e descanso, houve rapidamente o esgotamento das trabalhadoras e junto, as dores e lesões nos corpos.

Quando olhamos para estes momentos e vivências, percebemos o quanto situações de calamidades públicas evidenciam o espaço e a atuação de uma equipe de SUAS completa. Evidencia também a necessidade gritante da construção de espaços para a intersetorialidade e a difusão na cultura dos trabalhadores público os protocolos de Planos de Ação e do Plano de Contingência,

para um alinhamento mais claro, coeso e seguro para todos, sobretudo, aos profissionais que se colocam na linha de frente.

Apesar disso, nossa equipe, ainda que pequena, mobilizou-se inteiramente, de forma profissional e comprometida para manter o atendimento e acolhimento necessário à população vitimada por mais um episódio de perda e desordem.

Abdicamos de nossas casas, de momentos de banhos, de alimentações adequadas, de uma boa noite de descanso, para estar ao lado da população. E se mais uma vez necessita-se, mais uma vez estaríamos ali.

PUTINGA

**Em lágrimas: a dor e
a coragem de 2024**

Delides de Souza
Assistente Social

Lisangela Blanger
Psicóloga



Nos dias 01, 02 e 03 de maio de 2024, o município de Putinga viveu um dos episódios mais difíceis de sua história. Foram três dias marcados pelo desespero, angústia, medo, mas também pela solidariedade de um povo que, mesmo diante da dor e das perdas, soube se unir em prol da sobrevivência e da reconstrução.

Putinga é um município de características marcantes. Possui o Rio Putinga, que corta o centro da cidade, sempre tranquilo e sereno, cartão postal natural que nunca havia representado ameaça à população. Também conta com a Barragem da Santa Lúcia, antiga, desativada e utilizada como ponto turístico, além dos morros que cercam a cidade e oferecem uma vista belíssima em dias ensolarados. Contudo, a beleza que compõe o cenário local se transformou em cenário de terror ao amanhecer de 01 de maio de 2024.

O que antes era calma se converteu em pavor. O rio, conhecido como pacífico, transformou-se em um gigante descontrolado. A água, em grande volume e força, começou a invadir residências, comércios e ruas, levando tudo o que encontrava pela frente. O barulho era ensurcedor, misturando-se ao choro das pessoas desesperadas, aos gritos por socorro e à chuva incessante, que não dava trégua.

O início do desastre

Residentes da Rua Getúlio Vargas, a principal via central da cidade e localizada a poucos metros do rio, foram surpreendidos com a água avançando rapidamente. No térreo de muitos prédios havia estabelecimentos comerciais, como mercados e lojas, que em poucas horas já estavam completamente submersos. Famílias tradicionais, que haviam construído suas casas e suas histórias com tanto esforço, viram suas moradias desaparecerem em questão de minutos. Muitas pessoas saíram apenas com a roupa do corpo, deixando para trás bens materiais e lembranças impossíveis de recuperar.

Diante da tragédia, surgia a necessidade urgente de abrigar os desabrigados e desalojados. Em um primeiro momento, houve confusão e incerteza sobre onde acolher tantas famílias.

Contudo, rapidamente o Salão Paroquial da Igreja Católica abriu suas portas, tornando-se o principal ponto de acolhimento. Ali, crianças, adolescentes, idosos, pessoas com deficiência, homens e mulheres encontraram amparo e solidariedade.

Sem energia elétrica, sem água potável, sem telefone e sem internet, o município estava isolado. Foi preciso organizar equipes de voluntários para dar suporte aos necessitados. A Administração Municipal buscou contato com a Defesa Civil Estadual, a Brigada Militar e a Polícia Civil, mas as condições de comunicação e os acessos bloqueados dificultavam qualquer ação imediata.

O risco da barragem

Na madrugada de 02 de maio, o medo aumentou ainda mais. Uma parte da estrutura da Barragem da Santa Lúcia cedeu, colocando a cidade em risco iminente de destruição. O som incessante do sino da igreja e as sirenes da Brigada Militar ecoavam pela cidade, alertando a população sobre o possível rompimento. Caso isso ocorresse, metade de Putinga ficaria submersa.

Ao mesmo tempo, todos os acessos ao município estavam bloqueados por deslizamentos e quedas de barreiras. As comunidades do interior ficaram isoladas, sem comunicação e sem possibilidade de receber socorro imediato. O trabalho com maquinários da Prefeitura e de cidades vizinhas foi fundamental para tentar amenizar os impactos, mesmo diante de tantas dificuldades.

A solidariedade em meio à dor

No auge da tragédia, a solidariedade foi o que manteve a esperança. Grupos de trilheiros locais e de municípios vizinhos assumiram a missão de levar mantimentos às comunidades isoladas, trazendo também notícias sobre a situação das famílias que não podiam ser alcançadas por veículos. Apesar do esforço coletivo, a enchente ceifou uma vida: um jovem putinguense morreu em um deslizamento de terra que levou sua residência, deixando sua família e toda a comunidade enlutada.

Felizmente, após intensos trabalhos e esforços, conseguiu-se conter a barragem, evitando uma catástrofe ainda maior. No amanhecer de 02 de maio, a chuva começou a diminuir, e o rio retornou ao seu leito natural. No

entanto, o cenário que se apresentou foi de destruição quase total.

O dia seguinte

As ruas centrais de Putinga estavam irreconhecíveis. Lama, barro, móveis destruídos, eletrodomésticos inutilizados e entulhos se misturavam às lágrimas e ao olhar perdido das pessoas que caminhavam sem rumo. O som constante das máquinas da Prefeitura, trabalhando na limpeza e na desobstrução, se tornava uma lembrança dolorosa para todos que presenciaram a tragédia.



A enchente de 2024 ficará marcada para sempre na memória do povo putinguense. Mais do que um desastre natural, foi uma lição de força, resistência e união.

Mesmo diante das perdas irreparáveis, a população demonstrou que a solidariedade é capaz de transformar o desespero em esperança e de resgatar a dignidade em meio à dor.

RELVADO

**A enchente que mudou a vida
de relvado**

Mara Geovana Blasi

Assistente Social

Juliana Pereira de Lima

Psicóloga



Achuva volumosa e contínua que aconteceu na cidade e interior de Relvado, afetando todo o município, também ocorreu em todo o estado do Rio Grande do Sul. Estamos vivendo as mudanças climáticas que afetam o mundo todo.

O nosso município viveu uma noite de terror onde as pessoas foram acordadas com as buzinas de dois carros que passaram nas ruas da cidade buzinando para avisar que o Arroio Jacaré estava transbordando com muita fúria e carregando muitas árvores, troncos, telhados de casas, carros, máquinas, animais e tudo o que vinha pela frente. As pessoas assustadas correram para a igreja matriz que é o lugar mais alto da cidade e para a rua coberta. A água tomou conta das ruas, praça e casas carregando tudo.

Na manhã seguinte, começamos a olhar o centro da cidade parcialmente destruído e recebendo informações que vários acessos ao interior e para os municípios vizinhos estavam destruídos; pontes destruídas, deslizamentos, estradas inteiras e casas foram levadas.

As primeiras horas foram de incredulidade, diante de tanta desolação, sem luz, água, sem acesso e comunicação.

O sentimento era de impotência mas algo precisava ser feito para acolher e abrigar as famílias, com esta certeza um grupo de gestores e voluntários começou a se mobilizar, abrimos o ginásio e as pessoas começaram a chegar molhadas.

Muitas delas com perda total de seus pertences.

Primeiro o abraço, depois ouvir as necessidades e sair em busca de roupas secas, calçados e alimentos. Alguns voluntários foram até suas casas buscar o que podiam ceder.

A Secretaria da Assistência Social e a Coordenadora abriram as portas do CRAS para ajudar as pessoas com roupas, cobertores, calçados. As cestas básicas que foram doadas pelo estado serviram para alimentar as pessoas desabrigadas até começarem a chegar doações no ginásio, que durante um mês serviu de refeitório para todos os que precisavam de comida. Eram ofertadas três refeições por dia (café, almoço e janta).

A Assistente Social vinculada ao CRAS e o psicólogo que reside no município saíram às ruas e fizeram levantamento das pessoas que tiveram perda total, parcial dos bens e desabrigados e as encaminharam para o ginásio, onde foi feito o cadastro e o alojamento. Inicialmente no próprio ginásio e que após sete dias foram transferidos para a Escola Estadual José Placido de Castro, onde passaram a ser acompanhados pelos Conselheiros Tutelares e Assistente Social.

No município tivemos dois óbitos decorrentes do desastre climático, idosa e seu filho não aceitaram sair de sua residência que estava localizada a margem do Arroio Jacaré e foi levado pela correnteza.

A unidade Básica de Saúde, a Secretaria da Saúde e as escolas municipais de Educação Infantil e Ensino Fundamental também foram drasticamente afetadas. As aulas foram canceladas por quinze dias e após passaram a ser de forma hibrida, até o mês de julho. Em agosto as

turminhas da Educação Infantil foram acomodadas no Clube do município e o Ensino Fundamental na Prefeitura Municipal e Escola Estadual Plácido.

Os profissionais da saúde organizaram espaço restrito para atendimento médico, de enfermagem, psicológico, psiquiatra e farmácia para atender as demandas no mesmo ginásio onde foi centralizado os demais atendimentos.

Todos os dias no final da tarde os secretários e lideranças se reuniam no gabinete para relatar os fatos ocorridos e organizar as ações do próximo dia.

Os agricultores e o comércio se mobilizaram e trouxeram para o ginásio alimentos perecíveis, como carne, aipim, massas, pães, pizzas, sorvete, legumes, frutas.

Relvado recebeu muitas doações de todo o Brasil e inclusive do exterior: doações desde roupas, alimentos, água, colchões, móveis utensílios domésticos, material de higiene pessoal e limpeza, medicamentos, ração para animais.

Os profissionais do CRAS atuaram em várias frentes. No Salão Paroquial ficaram os responsáveis pela distribuição das cestas básicas que foram entregues pelos trilheiros nos locais de difícil acesso nos domicílios. Na cidade as entregas foram realizadas com os ônibus escolares. No Clube a Coordenadora ficou com a distribuição de roupas, calcados, roupas de cama, banho, água e material para limpeza pesada, EPIs.

Fomos agraciados com o abraço solidário de duas cidades de Santa Catarina; Capão Bonito e Maravilha que trouxeram caminhões cheios de doações, máquinas e operários que ajudaram na limpeza da cidade.

Os agricultores do município foram de extrema importância para desobstruir as estradas e limpeza criando rotas alternativas para o deslocamento de doações e pessoas.

Após dois dias da catástrofe, o prefeito municipal conseguiu chegar até o ponto mais alto do município onde obteve sinal de internet para se comunicar com a Defesa Civil Estadual. A partir daí a defesa civil foi informada da situação do município, e enviou equipe para fazer levantamento das necessidades.

O sinal de comunicação foi restaurado após três dias, através da Starlink de um morador do interior, que disponibilizou no ginásio uma hora por dia possibilitando a troca de notícias entre os familiares. Com isso houve uma mobilização no envio de mais ajuda aos parentes que aqui residem.

Aprendemos que podemos viver com o mínimo possível , sem agua , sem luz, sem internet, sem estradas, pontes (acessos) , mas com muita força de vontade nós estamos reconstruindo nosso município.

A recuperação não é sobre voltar ao que era, mas sim sobre ser mais forte do que nunca, pois sabemos que podemos contar com a união da população.

O CRAS continua desempenhando seu papel no fortalecimento de vínculos, na oferta de serviços, programas habitacionais, momentos de escuta e acolhimento para as demandas que ainda surgem após o trauma causado pela catástrofe.

ROCA SALES

**Relato das experiências,
sensações, vivências, emoções**

Graziela Sinara Gheno Lorenzi
Assistente Social

Lara Oliveira
Psicóloga



Assistente social

O dia 04 de setembro de 2023 nunca mais será esquecido e decorridos 2 anos, transcrevendo este relato, é possível recordar o quanto foi difícil chegar ao equipamento público do CRAS – Centro de Referência de Assistência Social Casa da Amizade de Roca Sales, e deparar-me com um cenário de guerra, destruído. O equipamento nunca havia sido afetado, e o local essencial de acolhimento às famílias referenciadas a proteção social básica, através de programas, projetos, benefícios e ações de caráter continuado, estava sem condições de receber as famílias desabrigadas e desalojadas. A estrutura física existente não foi destruída, mas houve perda de todos os materiais de consumo e investimentos feitos. Enfim, uma sensação de vazio, de impotência, de insegurança, enfim, basicamente todo o território atingido, desde Hospitais, Escolas, Unidade Básica de Saúde, Brigada Militar, Delegacia de Polícia, comércio, farmácias, supermercados, e principalmente moradias, com histórias de vida desde então ali constituídas, com sentimento de pertencimento, mas que agora assolava tristeza, sem saber onde começar.

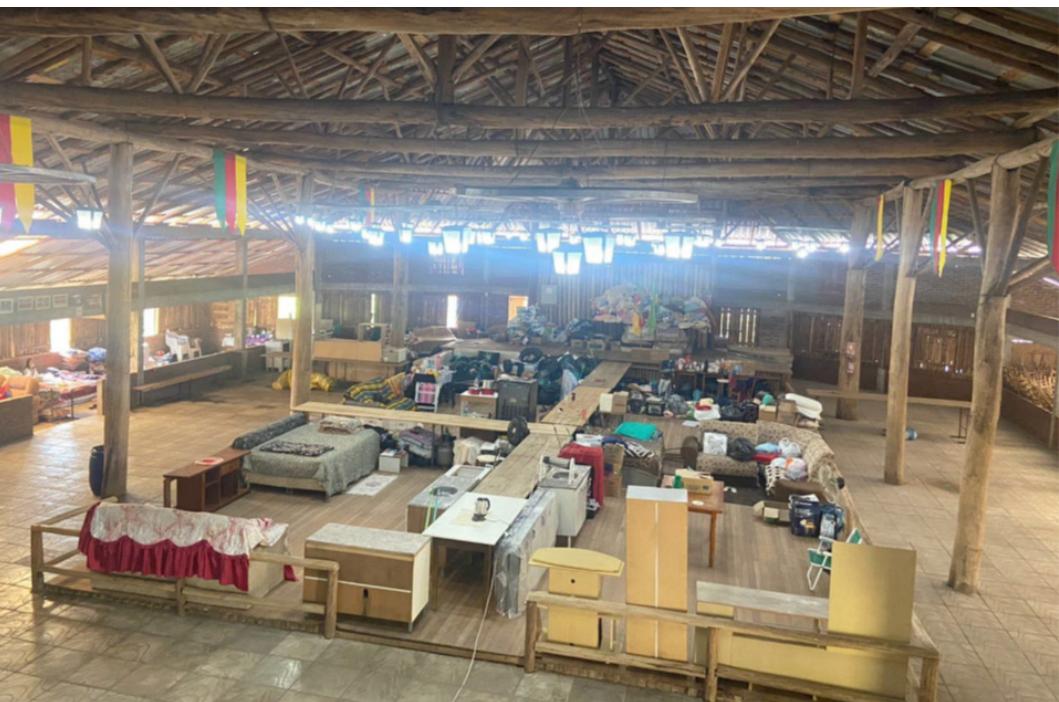
Em 2020, havíamos passado por um momento difícil, com o equipamento sendo ampliado e reformado, além da pandemia, e com uma enchente que na época havia sido uma expressiva para o município, mas o cenário de

2023, fora da anormalidade, pois comprometeu serviços de abastecimento de energia elétrica, de água, de telefonia, de serviços básicos, de serviços essenciais, e com isso, necessitamos fazer nosso Gabinete de Crise no município de Encantado, até que pudéssemos nos organizar em Roca Sales. Gratidão ao município de Encantado, no qual resido, e que também foi atingido.

Lembro que ao abrirmos as portas do ginásio onde inicialmente serviram de acolhimento temporário às famílias desabrigadas, as pessoas formavam filas, e solicitam água para beber e uma roupa quente, pois estavam todos molhados, desolados, com desesperança, enfim, difícil descrever, pois estávamos todos muito fragilizados, sem saber o que fazer primeiro.

Não tínhamos nada a oferecer, além de um abraço e consolo no amanhecer do dia, mas aos poucos foram chegando donativos, e assim a população sendo assistida da forma que conseguimos, pois o mais importante era o salvamento das pessoas, o abrigo, as medições, as fórmulas infantis, os pacientes de hemodiálise, de oncologia, enfermos e o atendimento das necessidades básicas, a localização de pessoas, etc.

No primeiro momento da manhã, não havia praticamente ninguém na cidade. Fui a primeira pessoa que chegou no CRAS e posteriormente uma colega profissional de saúde, que não tinha como deslocar-se para o outro lado da cidade, pois literalmente a cidade fica dividida, sendo que a colega enfermeira, inicialmente foi a pessoa que ficou comigo e posteriormente a Defensora



Pública. Ao longo das horas, fomos vendo o que tínhamos de fazer, de monitorar, de acompanhar, pois com a equipe desfalcada, comprometida, pois colegas foram vítimas das inundações, nos deparamos com recursos humanos insuficientes para o atendimento de toda população, compreendida por mais de 10 mil habitantes.

Tivemos muitas pessoas, de cidades vizinhas, regiões e até mesmo de outros Estados, sensibilizados pelos municípios de Roca Sales e Muçum, especialmente. Infelizmente tivemos turismo de enchente, popularmente falando, ou seja, muitos curiosos, em ver a cidade da amizade destruída. Forças e coragem se uniram em prol do coletivo e aos poucos fomos se organizando para uma melhor estratégia junto a Defesa Civil, e com o suporte técnico do Estado e União, que foram indispensáveis, além de outros órgãos, associações, lideranças, voluntários, etc.

Organizada a limpeza do CRAS, fomos ao equipamento dar continuidade ao acolhimento das famílias, porém como se concentraram muitos serviços nesta estrutura, o serviço ficou fragilizado, pois a equipe que já era reduzida, ficou com profissionais do SUAS atingidos, e com isso, os profissionais técnicos existentes e demais, fazendo o que era possível e ao alcance dos recursos disponíveis que tínhamos. Como profissional de atuação efetiva e há anos no município, fiquei junto ao Gabinete de Crise, mas em muitos momentos fazendo diferentes intervenções, e ao longo dos dias, também executando trabalhos burocráticos, em busca de recursos para a assistência social, ajuda humanitária, etc, pois tudo era necessário.

O CRAS que executava ações, serviços, programas e projetos de proteção social, tornou-se à partir de então,

voltado ao atendimento de oferta de serviço de proteção em situações de calamidade pública e emergências, após a decretação municipal, enviada e reconhecida pelo Estado e Esfera Federal.

As ações emergenciais envolvem de forma intersetorial e articulada com o órgão de Defesa Civil e demais políticas públicas, órgãos de defesa de direitos, sociedade civil, movimentos comunitários, voluntários, que visam junto às esferas de governo a minimização dos danos ocasionados e o provimento das necessidades, assegurando o acolhimento imediato em condições seguras e dignas, observando as especificidades dos grupos, das faixas etárias, ciclos de vida, deficiências.

Chegamos a ter oito alojamentos temporários, totalizando mais de 500 pessoas desabrigadas e estimativas de mais de 6000 pessoas desalojadas, sendo que muitas famílias migraram para outras cidades, assim como ficaram acolhidas em amigos, familiares em cidades vizinhas e até mesmo em Roca Sales, em áreas seguras e protegidas de desastres.

Aos poucos as famílias foram se desmobilizando dos abrigos temporários, sendo que ocorreu outro desastre e ainda tínhamos famílias acompanhadas, pois não tiveram como retornar às suas casas, pois as mesmas estavam interditadas, ou então as casas foram totalmente destruídas.

As famílias, assim como o serviço público, contaram com ajuda expressiva de voluntários e outros órgãos, para conseguirem reconstruir suas vidas diante do estresss pós traumático vivenciado neste desastre históri-

co, que vitimou quinze pessoas de afogamento, e muitos feridos; e na época pessoas desaparecidas, pela falta de comunicação com seus familiares. Permanecemos no acompanhamento às famílias, junto à Secretaria Municipal de Assistência Social e Habitação, que em 2024 foi implantada e desmembrada da Saúde, por intervenção, colaboração de sensibilização do Ministério Público, visando qualificar os trabalhos prestados junto à população. O serviço acompanha famílias em aluguel social, em casas, moradias provisórias, e após este evento pós traumático, a articulação com as demais políticas públicas tornou-se ainda mais importante, principalmente com a saúde mental. Falando em saúde mental, não conseguimos fazer escalonamento de equipe do SUAS, e era nítido o cansaço pelo acúmulo de atribuições no exercício da profissão, além do que muitas demandas surgiram e estão sendo supridas por demais técnicas nos dias atuais, mas na época, foi tamanho sobrecarga de trabalho que a vontade era até mesmo pedir exoneração e a pergunta o que estou fazendo aqui, pois o sentimento era de impotência frente a tamanha complexidade do desastre.

Também eram poucos dias de um situação de doença familiar, onde minha filha Isabela submeteu-se a um procedimento inédito no Hospital Bruno Born, e mesmo assim foi mais uma pessoa, assim como demais da família que contribuíram neste momento difícil, pois mesmo indo para casa algumas horas, e com aquela sensação do telefone sempre estar tocando, me acalentava com uma conversa, um abraço, com uma comida quentinha, casa organizada e eu pedindo *filha, tomou o remédio, está usando a meia*. Enfim, mãe preocupada com o pós cirúrgico e não tendo como processar tudo. Obrigada famí-



lia por todo o apoio e entendimento de minha ausência temporária.

No desastre de setembro de 2023, o município de Vespasiano Corrêa, me cedeu para atuar integralmente em Roca Sales. Gratidão ao município de Vespasiano Corrêa, por se sensibilizar neste momento delicado do município.

A gestão de desastres e implementação de ações, de caráter junto as fases de pré-desastres, visando a redução de dados, a preparação, a mitigação e prevenção, estão sendo prioridade, assim como o trabalho social e

atenção psicossocial na perspectiva fundamental da reconstrução de projetos de vida. Como profissional de serviço social, acredito que a profissão contribui na gestão das vulnerabilidade, no atendimento da população no momento de crise, permitindo o acesso aos serviços básicos disponíveis e seus direitos fundamentais garantidos durante e após a crise, e juntamente com demais profissionais, promovemos a acolhida, a escuta qualificada, sensível aos atingidos, mobilizando e estimulando ações de solidariedade e apoiando estratégias coletivas com lideranças comunitárias, profissionais, gestores, forças externas, indispensáveis para o aprendizado social.

Aprendemos, choramos, e não desistimos. Nos desastres seguintes, onde em maio de 2024 fomos fortemente atingidos, e de forma atípica, houve além da enchente, os deslizamentos, com vias obstruídas, com pouca mobilidade urbana, com novas vítimas, desta vez soterradas, e tudo de novo. Não foi fácil, pois a responsabilidade que temos, e devemos ter muita resiliência e esperança.

A mensagem que deixo após este relato é que vidas importam, em memória a todos que perderam suas vidas, em respeito a todos que atuaram direta e indiretamente com seus esforços, minha continência e respeito a todos em meio a turbulência, pois ajudar o próximo melhoramos a si mesmo.

Psicóloga

Como falar sobre experiência em desastre e calamidade? Por onde começar? Acredito que não há como falar de relato de experiência sem falar sobre: novidade,

inícios, descobertas, surpresas, preocupações, angústias e incertezas, e essas palavras definem o início do meu relato de experiência, pois fizeram parte do momento. E como falar em enchente, urgência, emergência, calamidade pública, sendo que a própria nomeação já nos preocupa, deixa em alerta, sensibiliza?

Falar sobre tudo isso junto, parece ter um impacto ainda maior. Recém formada (janeiro/2024), coração pulsando querendo exercer a profissão, descobrir novos caminhos e possibilidades e com exatos 21 dias do início de um novo ciclo, chuvas excessivas, alerta de uma nova enchente, contato com colegas para verificar se a viabilidade de chegar ao município, pois houve diversos deslizamentos de terra, o que compromete o deslocamento em segurança.

Ainda antes da situação se agravar, nos deslocamos até o CRAS com o objetivo de termos maiores informações, bem como remover o que estivesse ao nosso alcance, para evitar perdas maiores (exemplo de setembro/23). Posteriormente, em casa, momentos de aflição, incerteza, preocupação com familiares atingidos (mesmo todos estando em segurança), com os usuários, bem como com o local de trabalho. Pois bem, 3 dias após o ocorrido, desastre total, sem energia elétrica, sem água potável, sem comunicação... mas foi o momento que me senti apta a me deslocar até o município de Roca Sales - levando em consideração que reside em Encantado - e me colocar à disposição da equipe, colegas e município. Inicialmente, não sabia por onde começar, o que seria necessário fazer, não conhecia muitas pessoas que estavam trabalhando, mas me coloquei à disposição. Logo a população começou chegar no Concórdia (campo e sede ao lado

do CRAS, onde o Gabinete de Crise ficou instalado até a limpeza do CRAS; ali também era o local em que chegava doações por meio de helicópteros), principalmente em busca de informações de familiares, pois havia ocorrido incontáveis deslizamentos de terra, o que dificultava MUITO o deslocamento.

Há muitas coisas que nos marcam durante a caminhada, mas especialmente a primeira pessoa que acolhi naquele momento me marcou: o desespero era grande, pois o relato era que toda a sua família havia sido soterrada, mas não estava conseguindo acessar o local.

E, neste momento, alguma palavra é capaz de amenizar a angústia, a dor? Acredito que não, então, neste momento ofereci o acolhimento, a escuta, uma água, uma bolacha e um abraço apertado, e assim, fomos estabelecendo contato e vínculo, pois duas vezes por dia, ela me procurava para saber se já tínhamos informações dos familiares ou se já tinha acesso para chegar até o local.

Posteriormente, juntamente com uma colega assistente social, fomos para os abrigos temporários fazer o cadastramento completo dos desabrigados, pois a profissional de referência havia feito um simplificado, e a todo momento, estavam nos cobrando dados atualizados, sendo assim, por alguns dias, fizemos a atualização desses dados. No momento que o CRAS foi limpo, as profissionais técnicas ficaram no atendimento/acolhimento, pois a população estava conseguindo circular, embora com dificuldade, e nos acessavam para sanar dúvidas, buscar informações, enquanto a Defesa Civil, os bombeiros, e alguns voluntários com camionetas 4x4, e por vezes

alguns profissionais o acompanhavam nas orientações de evacuação de casas, pois ainda tinha risco das movimentações de massa, enquanto as demais profissionais ficavam no Serviço como referência, buscando informações, articulando e avisando familiares. Ressalta-se que, alguns profissionais ficam impossibilitados de comparecer ao Serviço, em decorrência de terem sido atingidos ou por residirem em outro município.

A cada saída a campo o que víamos nos impactava, casas, ruas, bairros, cada pessoa que conversávamos tinha alguma coisa para falar, para desabafar, e ao mesmo tempo, era difícil acreditar em tudo que havia acontecido, e também pensar em como faríamos a reconstrução de tudo, como voltaríamos a “normalidade”.

Ver as ruas, as casas e alguns bairros e localidades que antes eram locais de tranquilidade, sinônimo de segurança e cheios de vida, naquele momento, estavam marcados pelas destruições, pelo abandono, pelas rachaduras, e principalmente pelo silêncio e pelas memórias em meio aos escombros.

Apesar de tudo que vivemos, seguimos, nos organizamos e voltamos à funcionalidade do Serviço, embora muito do que constituímos foi levado pelas águas e encharcado pelo lodo: objetos com valor sentimental, registros fotográficos, familiares que se foram e não voltam mais, mas o que marca e fica são as histórias das pessoas.

TAQUARI

**Força, coragem e solidariedade: a
atuação da Assistência Social na
maior enchente de Taquari**

Juliana Cruz Machado

Assistente Social

Viviani Santos da Silveira

Psicóloga



Aenchente que atingiu o Rio Grande do Sul foi uma das mais desafiadoras tragédias enfrentadas pela população nos últimos anos. Diante da destruição, do desalento de milhares de famílias e da urgência por respostas rápidas, a Secretaria Municipal de Assistência Social de Taquari foi chamada a atuar com intensidade, sensibilidade e coragem.

Graças a Deus, em nosso município não houve registro de mortes. No entanto, a dimensão da tragédia exigiu da equipe uma dedicação sem limites. Historicamente, no mês de setembro, Taquari costuma ser atingida pela chamada enchente de São Miguel, que impacta em torno de 120 famílias. Porém, em maio de 2024, a realidade foi muito mais grave: 1.222 famílias foram atingidas, ampliando de forma imensa os desafios de acolhimento, organização de abrigos e apoio às pessoas em situação de vulnerabilidade.

Desde os primeiros momentos da crise, os profissionais se colocaram na linha de frente: acolheram pessoas, organizaram abrigos, distribuíram doações e garantiram acesso aos direitos básicos. Mesmo sendo uma equipe enxuta, todos vestiram a camiseta e não mediram esforços. A sobrecarga emocional, o desgaste físico e os recursos limitados tornaram o trabalho ainda mais árduo. Muitos servidores também foram afetados pela enchente, mas, mesmo diante das próprias dificuldades, seguiram firmes na missão de ajudar quem mais precisava.

E foi nesse cenário de dor e incertezas que algo mui-

to especial aconteceu: a equipe se fortaleceu. A solidariedade mútua, a empatia e a cooperação ultrapassaram barreiras institucionais, transformando colegas em verdadeiros parceiros de luta. Os desafios exigiram comunicação constante, decisões rápidas e apoio incondicional entre todos — e foi justamente isso que fez com que a Assistência Social se tornasse ainda mais unida.

Cada gesto de cuidado, cada vida acolhida e cada família amparada se tornaram motivos de orgulho coletivo. Essa experiência reafirmou a vocação de todos: servir ao próximo com dignidade, humanidade e amor.

Hoje, nossa equipe carrega marcas, sim; mas também carrega a certeza de que, juntas, as pessoas são mais fortes, mais resilientes e mais capazes de transformar realidades, mesmo diante do caos.

É importante destacar também o apoio fundamental das demais secretarias municipais, que estiveram ao nosso lado, somando forças e garantindo que a resposta fosse ainda mais rápida e efetiva.

A enchente deixou cicatrizes profundas, mas também revelou a grandeza de uma equipe que, mesmo nos momentos mais difíceis, não se deixou abater — e saiu dessa tragédia ainda mais comprometida, solidária e unida do que nunca.

TRAVESSEIRO

**Vivências e lições de um desastre
que marcou nossas vidas**

Evandro Alfredo Zanatta

Assistente Social

Ivan Cornelius Dahm

Psicólogo



Era segunda-feira, 29 de abril de 2024. Chovia torrencialmente, “parecia que ia cair o mundo”, como dizem os antigos. No fim da tarde, saí do trabalho com dificuldade para manobrar o carro: a frente do Centro de Referência em Assistência Social (CRAS) de Travesseiro, formara-se uma poça de água gigante, quase uma piscina. A caminho de casa, fiquei em dúvida entre ir para a casa dos meus pais, em Lajeado, ou para o camping dos meus avós, em Marques de Souza. Eu ainda não sabia, mas esta última seria totalmente destruída pela enchente. Acabei optando por Lajeado. Cheguei em casa com os ombros doendo de tanta tensão; o medo de ficar ilhado na estrada era constante, diante daquela chuva, vento e alagamentos.

Eram entre 2h30/3h da manhã quando fui acordado pela minha mãe para auxiliar na retirada dos móveis da casa do meu irmão, pois o arroio não parava de crescer. Em torno das 6h, ficamos sem luz. A partir daí, diversas residências começaram a ser atingidas, as ruas foram alagando, diversos deslizamentos acontecendo, interrompendo acessos às comunidades.

No dia seguinte, no grupo de WhatsApp do CRAS, colegas de outras cidades perguntavam como estava a situação no município e se podiam vir ajudar. “Não venham, muitas ruas estão bloqueadas e o CRAS foi inundado”, foi a resposta que recebemos. Depois disso, ficamos quatro dias incomunicáveis.

No primeiro momento após o caos, nos organizamos com a equipe que tínhamos, contando com o apoio de todas as setores da administração e comunidade para garantir o básico à população. Foram montados abrigos temporários, centro de distribuição e recebimento de doações.

Pelo rádio e pela internet, eu acompanhava com sentimento de impotência diversas imagens e notícias da maior enchente da história do Rio Grande do Sul. O barulho de helicópteros passando a cada hora, junto com o som de sirenes e a voz dos locutores de rádio, compunha uma sinfonia desesperadora. Não conseguia chegar a Travesseiro porque as pontes que atravessavam o Rio Forqueta haviam sido destruídas (haviam caído), e a ponte do Rio Taquari estava interditada. Três dias sem comunicação depois, recebi uma mensagem de uma colega que conseguira falar com minha avó e confirmou que ela estava bem. Ouvi no rádio o prefeito de Travesseiro pedindo mantimentos e soube que uma senhora precisou ser levada de helicóptero para um hospital na cidade vi-



zinha. Por volta do dia 6, vi que uma amiga de Lajeado publicou um vídeo entregando doações em Travesseiro. Questiono como ela havia chegado até lá. “De barco”, ela respondeu. Eu ouvi a resposta com certa incredulidade. “Deixamos o carro em Marques de Souza, um voluntário nos leva de barco para o outro lado do rio, e de lá pegamos uma carona até Travesseiro”, concluiu ela. Com essa informação, me preparei para, enfim, fazer a travessia a Travesseiro.

Quando consegui chegar à cidade, deparei-me com um cenário de guerra – expressão que, embora tão usada, era a única que cabia. Postes caídos, casas destruídas, crateras no asfalto. E lama por todos os lados. De longe, avistei o que sobrou da ponte que ligava as duas cidades. Caminhava sem saber ao certo como chegar até o barco. No caminho, encontrei um casal tão perdido quanto eu, indo para o mesmo destino. Descemos um barranco com muito cuidado até que avistamos o barco; seu condutor gritou para seguirmos por um caminho mais seguro. Fazia muito tempo que não pisava em um barco e tinha me esquecido de quanto ele balançava. Mas a vontade de reencontrar os colegas foi maior que o medo. Do outro lado do rio, conseguimos uma carona com um funcionário de uma empresa local até o centro da cidade. Essa cena se repetiria inúmeras vezes ao longo dos primeiros dias de maio.

Ao longo dos dias, quando foi possível chegar ao município, muitos voluntários, de diversos lugares, com mantimentos e veículos apropriados, nos auxiliaram com a distribuição dos itens/materiais diretamente nas residências das famílias, em todas as localidades, tendo em vista o difícil acesso ao centro de Travesseiro. Esse trabalho ocorreu ao longo de todo mês de maio, já que os mercados existentes no município são de pequeno porte e ficaram desabastecidos.

Reencontrar os colegas foi um misto de alegria e tristeza. Apesar de estarmos todos sãos e salvos, era possível ver no semblante de cada um o quanto haviam trabalhado durante aqueles dias de resposta à emergência: socorrendo famílias, preparando abrigos improvisados, organizando doações e mantimentos, entre tantas outras funções. Cheguei na fase intermediária entre a resposta imediata e a reconstrução, com a tarefa de acolher as pessoas em suas múltiplas demandas do pós-enchente. Organizamos equipes com diferentes profissionais – psicólogos, assistentes sociais e agentes comunitários de saúde – e visitamos todas as casas do município. Nossa maior preocupação era com a população do interior, que até então não tinha conseguido acessar o centro. Elaboramos um questionário para aplicar às famílias, com o objetivo de mapear os danos causados e identificar suas necessidades mais urgentes de saúde, abrigo e alimentação. E, principalmente, realizar um acolhimento inicial para as angústias e dúvidas daquelas pessoas. As primeiras visitas foram um pouco desajeitadas; afinal,

nenhum de nós havia vivido nada parecido. Aos poucos, ganhamos experiência e passamos a acolher as famílias com mais segurança. Percebemos o quanto aquela visita lhes fazia bem e como era crucial oferecer a cada pessoa a oportunidade de contar sua própria história da enchente. E cada história daria um livro à parte: desde quem saiu minutos antes de a casa ser soterrada por um deslizamento, até famílias resgatadas na concha de patrolas ou refugiadas em telhados; filhos que caminharam quilômetros para reencontrar os pais, entre tantos outros relatos. Ouvimos tudo entre risos e lágrimas, entre o desespero e a esperança.

Ao longo das visitas, foram levantados e compilados os dados de pessoas/famílias atingidas, casas parcial ou totalmente destruídas e demais informações relevantes, com objetivo de buscar recursos a nível Estadual e Federal.

Aos poucos, o município foi se reconstruindo. A travessia de barco deu lugar à passarela do Exército, que foi substituída por uma pinguela, depois por uma ponte improvisada com containers e madeira, até chegar à estiva de concreto que hoje liga o município à BR386. Foram experimentadas muitas formas de cruzar o rio – eu até brincava, na época, que, se o tempo esquentasse, atravessaria a nado, se fosse preciso. Com a reconstrução em andamento, a rotina de trabalho também mudou. As visitas domiciliares diminuíram, e o acolhimento no CRAS

aumentou, impulsionado pelos programas emergenciais. Aos poucos, voltaram os grupos de adolescentes, os grupos de idosos e a oficina terapêutica de saúde mental. Veio a primavera, e a paisagem enlameada e cinzenta finalmente deu lugar ao verde da grama e ao colorido das flores.

Ainda persistem algumas demandas, principalmente relacionadas à habitação. No mais, o município segue dando suporte a quem ainda necessita. Também há intenso processo de planejamento e formação aos profissionais que atuaram à frente da calamidade, para que estes estejam mais preparados para possíveis novos episódios e tenham um Plano de Contingência articulado com todos os órgãos envolvidos, objetivando respostas mais efetivas. Importante frisar que a equipe do Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) é o único equipamento da política de Assistência Social no município de Travesseiro, contando com equipe mínima, mas que, com o apoio dos demais colegas servidores, da comunidade local e voluntários, além dos órgãos Estaduais e Federais, conseguiu garantir que as famílias e indivíduos em situação de vulnerabilidade recebessem o apoio necessário e a resposta social de forma rápida e eficaz, dentro das possibilidades.

VESPASIANO CORRÊA

Cuidar, acolher e reconstruir

Ana Paula Gavineski

Secretária de Desenvolvimento Social e
Coordenadora da Defesa Civil

Graziela Sinara Gheno Lorenzi

Assistente Social

Renata Dalpasquale Weber

Assistente Social

Cíntia Araldi

Psicóloga



Graziela Sinara Gheno Lorenzi

(Assistente Social)

Atuando no município há mais de quinze anos na assistência social, nunca havíamos atuado em situação de calamidade e emergência tão expressiva quanto ao desastre de maio de 2024. Atuamos em situação de acompanhamento de famílias pelas decretações de situação de estiagem, enxurradas, etc, mas como tempestades deste porte, foi a primeira vez. Como trabalhadora do SUAS junto à Secretaria Municipal de Desenvolvimento Social, anteriormente denominada de Secretaria Municipal de Assistência Social, a atuação ocorreu a partir do momento que tivemos estradas para o deslocamento até o município de Vespasiano Corrêa, pois a equipe técnica reside em outros municípios e, com isso, primeiramente a gestão e coordenação assumiu os trabalhos, juntamente com a Defesa Civil e voluntários. Tínhamos horário para sair de casa, em torno de 5h30, no máximo, 6 horas da manhã, porém para voltar para casa, nunca sabíamos que hora chegaríamos em casa, pois de forma insegura, e sempre dependendo de terceiros, tendo em vista que passavam no trevo conhecido como Linha São Luiz, eram somente com camionetas 4x4 ou veículos maiores. Além de tudo, tínhamos insegurança de trafegar no trajeto, pois muitas vezes aconteciam os atoleiros, a via era única e ficava-se muitas horas diante do movimento, por ser a única estrada possível, devido

a situação da RS129, entre Muçum e Vespasiano Corrêa, onde literalmente formou-se uma cratera.

**Nosso CRAS havia sido afetado pelas fortes
enxurradas, onde perdemos muitos materiais,
e assim tivemos que organizar em um espaço
alugado, com mesas, cadeiras e móveis im-
provisados.**

Minha colega Renata e eu demoramos para conseguirmos ir ao CRAS. Lembro que acessamos o serviço somente no dia 15 de maio, bem no dia da nossa comemoração ao dia da assistente social.

Iniciamos o trabalho técnico-social e desta vez me dediquei três vezes na semana de forma integral ao município, e como foi importante contar na equipe com colega da psicologia, pois assim as trocas se tornaram ainda mais eficientes e com um plano familiar voltado à saúde mental, ao atendimento das necessidades básicas, ao acolhimento, à escuta sensível, aos encaminhamentos necessários.

Tivemos mais de dez famílias atingidas e para um município de pequeno porte, com menos de dois mil habitantes, foi de muito impacto e emergência. Aeronaves salvando pessoas e neste tempo um bebê recém-nascido, que estava com sua família no mato, de uma PCD que chegou com sua mãe na Unidade Básica de Saúde, das pessoas idosas que estavam chocadas, e a equipe firme e forte atuando sem parar, mas sim, atendendo como um todo a população direta e indiretamente afetada. Tivemos muitos colaboradores, nossa cidade nunca tinha visto tanto movimento de caminhões, carros e pessoas circulando em prol do coletivo. O trabalho que me iden-



tifiquei durante a situação de emergência foi a necessidade de fazermos um círculo de construção de paz, na comunidade de Lucano Conedeira, interior de Vespasiano Corrêa, uma vez que foi o território mais comprometido do município. Uma manhã fria de maio, onde validamos cada relato, cada choro, cada abraço, cada silêncio etc., realizado no dia 02 de julho e em 08 de setembro o segundo círculo, onde a própria comunidade organizou as peças e centro, e finalizamos com o terceiro em 21 de outubro, com a presença de Leoberto Narciso Brancher⁵, através da colega Tânia, que contribuiu muito como elo importante para a equipe e comunidade.

Por fim, a experiência vivenciada nos desastres possibilitou agregar conhecimentos, e os círculos promovidos a contribuir e promover um espaço seguro para o diálogo e acolhimento às vítimas, expressando sentimentos, compartilhando experiências, fortalecimento de vínculos familiares e comunitários, além de percebermos os laços de solidariedade e a capacidade de resiliência em momentos de crise.

5 Leoberto Narciso Brancher é um desembargador aposentado do Tribunal de Justiça do Rio Grande do Sul (TJRS) e um pioneiro da Justiça Restaurativa no Brasil. Ele teve uma longa carreira como juiz, iniciada em 1990, atuando em diversas comarcas do RS e se dedicando à área da infância e juventude, e foi fundamental na implementação do programa de Justiça Restaurativa no TJRS e na elaboração da Resolução CNJ 225/2016. Após se aposentar da jurisdição em abril de 2024, ele continua a atuar voluntariamente na área, especialmente como professor e coordenador pedagógico da Escola da Magistratura da AJURIS.

Renata Dalpasquale Weber

(Assistente Social)

Uma situação que marcou muito minha experiência no desastre de maio/2024, foi o fato ocorrido com a família de Lucimara Barronio, composta por 4 integrantes, residente da Linha Lucano Conedera. A foto abaixo representa os estragos que os deslizamentos e as enxurradas causaram na propriedade. A família relatou que na noite do dia 01 de maio viveram o maior pesadelo das suas vidas. Ao entardecer, as chuvas e os deslizamentos só aumentavam, foi quando perceberam que o acesso pela estrada havia fechado pela força da água, troncos de árvores e pedras grandes.



Fonte: Registro realizado pela coordenadora de Defesa Civil,
Ana Paula Gavineski



Fonte: Registro realizado pela coordenadora de Defesa Civil,
Ana Paula Gavineski

Foi nesse espaço que a família passou a noite, rezando e acompanhando o volume de água subir e o barulho das árvores quebrando e descendo com a força da água. Segundo relato de Lucimara “nós passamos a noite em cima do trator, vendo a força da água arrastando a nossa casa e levando tudo embora, nosso lar e nosso alambique, o reflexo dos relâmpagos durante a noite toda, mostrou em detalhes, o cenário catastrófico. Naquela noite rezamos para sobrevivermos”. Na manhã seguinte, a família pegou seus pertences, foi mato adentro, até encontrar a casa do vizinho mais próximo. As equipes de socorro da Defesa Civil conseguiram chegar até à família somente sete dias depois, pois o acesso das estradas por Vespasiano Corrêa e Muçum estavam interditadas; as estradas estavam destruídas e as máquinas passaram dias abrindo espaços provisórios.

A família foi acolhida por pessoas da comunidade. Após 45 dias, Lucimara fez um pedido para a Coordenadora da Defesa Civil local, Ana Paula Gavineski: “*eu preciso saber notícias da minha mãe que mora em Doutor Ricardo*”. Foi aí que aconteceu um reencontro emocionante, conforme registro abaixo:

Vivenciar o desastre de setembro/2023 nos ensinou muito sobre as etapas do processo. Em maio, já tínhamos um norte: Primeira ação: Salvar vidas, colocar as pessoas em locais seguros e garantir as necessidades básicas. Foi nesse momento da calamidade que a assistência social foi vista como uma política pública de base sólida e fundamental. Os ensinamentos mais profundos dessa experiência, na minha vida foram:

- Acessar as redes sociais e ver o nome de amigos e conhecidos, na lista de desaparecidos; Foi cruel e até hoje inacreditável.*
- Aprender que o trabalho intersetorial, a união e a fé de todos, foi e continuará sendo, o segredo do sucesso.*

Cíntia Araldi
(Psicóloga)

Sou psicóloga no município de Vespasiano Corrêa, onde atuo na assistência social e na educação. Ao longo dos meus quatro anos de trabalho, os desastres de 2024 foram, sem dúvida, os momentos mais desafiadores que já enfrentei. Não apenas pela intensidade da demanda no município, mas também porque, ao mesmo tempo, meus próprios pais foram atingidos pelas enchentes na cidade onde residem, em Muçum.

Uma das cenas que me marcou profundamente aconteceu na comunidade da Lucano Conedera, em Vespasiano Corrêa. Um menino que estava completando 6 anos naquela semana do desastre. Em meio ao caos, à lama e às perdas, sua mãe me pediu se eu poderia encomendar um bolo na padaria, pois todos os anos a data era celebrada e ela não queria que o filho deixasse de ter o seu momento especial.

Aquela cena me emocionou profundamente. Em meio a tanta dor e incerteza, aquela família escolheu celebrar a vida, manter a tradição e preservar a alegria.

Foi um lembrete que mesmo nos dias mais sombrios, a esperança e o amor ainda encontram espaço para florescer.

Ana Paula Gavineski

(Secretária de Desenvolvimento Social
e Coordenadora da Defesa Civil)

Maio de 2024 foi, sem dúvida, um período que desafiou todos os meus limites, físicos, emocionais e humanos. Nunca imaginei que viveríamos algo de tamanha proporção em nosso pequeno e acolhedor município.

No dia 1º de maio nosso CRAS foi alagado pelas intensas chuvas, comprometendo toda a sua estrutura física e nos deixando, desde o início, com sérias dificuldades para atender a população. Logo em seguida, enfrentamos estradas bloqueadas, postos de combustíveis desabastecidos, pontes arrastadas pelas águas, acessos interrompidos e, o mais grave: deslizamentos de terra



que levaram casas inteiras. A aflição era imensa, pois não sabíamos exatamente o que tinha acontecido com as famílias atingidas.

Lembro-me vividamente de um momento crítico em que tivemos que evacuar às pressas moradores da rua principal, pois uma movimentação em massa estava afeitando a estrutura do solo. Acionei imediatamente a Coordenadoria Regional de Lajeado e solicitei o envio urgente de um geólogo para avaliar a situação. Enquanto isso, a cidade mergulhava no caos: estávamos sem energia elétrica, sem vias transitáveis, e nossos pacientes de saúde não conseguiam chegar a Lajeado para atendimentos. Foi um misto de sentimentos intensos.

Em meio à correria e à angústia, eu pedia a Deus força para continuar ajudando quem mais precisava. Vespasiano Corrêa se tornou um dos poucos pontos de entrega e distribuição de mantimentos na região, o que gerou um grande fluxo de veículos — especialmente pela estrada do interior que liga às cidades de Muçum e Encantado.

Mas talvez o momento mais marcante tenha sido quando, em um sábado à tarde, fui acionada pela Força Aérea Brasileira para coordenar a ejeção de mantimentos por via aérea para o Vale do Taquari. Nossa cidade foi escolhida como ponto estratégico por sua altitude e área de segurança. Ver aqueles aviões militares sobrevoando e lançando alimentos foi uma cena que, até então, eu só tinha visto em reportagens sobre guerras. Foi algo muito forte, muito impactante. Convidei voluntários e, juntos, trabalhamos incansavelmente para que tudo desse certo.

Passamos dias e noites sem descanso, mas com o coração firme no propósito de salvar vidas. Na localidade de Linha Lucano Conedera, não encontramos as casas, elas foram totalmente levadas, mas o mais importante: todas as pessoas estavam vivas!

Este é um simples relato, mas que carrega uma vivência profunda. Poderia facilmente se transformar em um livro. Agradeço a todos que estiveram ao meu lado, aos voluntários, às forças de segurança, e principalmente a Deus, por termos conseguido cumprir nossa missão com coragem e empatia.







Nesta obra, você encontra relatos, memórias, depoimentos e alguns registros da vivência de equipes de Assistência Social de municípios do Vale do Taquari/RS (VT/RS).

O livro nasce com o propósito de registrar as memórias de um momento marcante, triste, difícil, mas que também possibilitou

encontros, afetos e cuidado!

SECRETARIA DE
**DESENVOLVIMENTO
SOCIAL**



ISBN 978-65-5699-454-3



9 786556 994543